



Artigos sobre o Comportamento Ético-Espírita

CENTRO ESPÍRITA ISMAEL

ARTIGOS SOBRE O COMPORTAMENTO ÉTICO-ESPÍRITA

(SÉRGIO BIAGI GREGÓRIO)

I – O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

O Homem

Indivíduo e a Sociedade, O

Frankenstein e a Lei de Sociedade

Gigantografia e Nilismo

Ideologia e Verdade

II – ÉTICA

Genealogia da Ética

Ética e Moral

Ética e Responsabilidade

Ética em Aristóteles

Ética a Nicômacos

III – MENTE

Expandindo a Mente

Mente Criadora

Por um Mundo Criativo

Magia Mental

Mente e o Medo

Autopercebimento: Libertação da Mente

Desinibindo o Estado Mental

Renovação Mental

Real e Ilusão

IV — ATITUDE E COMPORTAMENTO

Atitude e Comportamento

Ação Livre

Ação Humana

Involuído e Evolvido

Medo e Motivação

Mudança Comportamental

Observação e Auto-observação

Ócio é o Pai de Todos os Vícios, O?

Ordem e Desordem

Personalidade: Motivação e Tensão

Problema e a sua Solução, O

Química da Felicidade

Recompensa e Castigo

Reeducação

Relacionamentos

Segredo, O

Seguir o Objeto

Subconsciente e Condicionamentos

V — CONSCIÊNCIA E AUTOCONSCIÊNCIA

Consciência e Autoconsciência

Graus da Consciência

Fronteiras da Consciência

Memória: do Inconsciente ao Consciente

VI — TRANSFORMAR-SE

Ciência Cognitiva e Mudança de Mentalidade

Crença e Resistência

Transformação Interior

Transformar-se

Aqui e Agora

Atividade Fecunda

Auto-ajuda - uma Ilusão?

Posso Ser Diferente do que Sou?

Provisório e Definitivo

VII — VIRTUDE

Virtude em Aristóteles

Prudência (I)

Prudência (II)

Tolerância

Constância e Perseverança

Esperança

Fé e Incerteza

Fé e Esperança

VIII — VIDA

Genealogia do Existencialismo

Vida: Essência e Existência

Vida: Desenvolvimento da Consciência

Vida e Sistema Nervoso

Caminho da Vida

Eu e a Circunstância, O

Há Equilíbrio entre Horizontal e Vertical?

Há Vida antes da Morte?

Mecanização da Vida

Pensar a Vida

Sucesso, O

Sucesso e os Objetivos da Vida, O

Uma Vida Estranha

Viver sem Defesas

O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

O HOMEM

A filosofia é uma forma de compreensão da vida e do mundo. Podemos especular sobre o mundo, sobre o ser, sobre a verdade e sobre a justiça; podemos perscrutar e elaborar análises sobre os mais variados temas; podemos tentar apreender o que é o bem e o que é mal. Contudo, no fundo de tudo isto está o homem. Devíamos, assim, pedir à filosofia que nos ajude a compreender o mundo humano, apontando-nos os caminhos que possam nos afastar do mal. Diante desta colocação filosófica, pergunta-se: Que é o homem? Qual sua função? Qual sua natureza? E seu destino?

Na Antropologia física, o homem é classificado como Vertebrado, pertencente à classe dos Mamíferos, subclasse dos Placentários, ordem dos Primatas, família dos Hominídeos, gênero *Homo*, que se encontra representado na atualidade por uma única espécie, o *Homo Sapiens*. Define-se também como o único

animal mamífero de posição normal ou vertical, capaz de linguagem articulada, constituindo entidade moral e social.

O termo homem presta-se a muitos significados. Há o homem das cavernas, o homem da antiguidade, o homem medieval, o homem moderno e o homem contemporâneo. Há, também, o homem econômico (Marx), o homem instintivo (Freud), o homem angustiado (Kierkegaard), o homem existente (Heidegger), o homem utópico (Bloch), o homem falível (Ricouer), o homem hermenêutico (Gadamer), o homem problemático (Marcel) Há, ainda, o homem autêntico, o homem solitário, o homem de fé e o homem virtuoso.

Ao fazermos uma análise filosófica do homem, deparamo-nos com o seu duplo mistério, ou seja, ele é ao mesmo tempo sujeito e objeto do conhecimento. A gnosiologia ou teoria do conhecimento instrui-nos que todo conhecimento é uma relação entre o sujeito e o objeto. O sujeito apreende o objeto e dele extrai um conhecimento, que pode ser verdadeiro ou falso. No caso específico do homem, ele tem que apreender a si mesmo. É como o pensamento analisando o próprio pensamento, enquanto está pensando. Quer dizer, o pensamento não pode parar de pensar para analisar o próprio pensamento.

O homem está no mundo, mas não é do mundo. Há a sua corporeidade, mas também a sua espiritualidade, que o faz transcender o mundo da matéria. Além de ser cultural, social, familiar, o homem é único e uno. O ser-único pode ser vislumbrado na impressão digital, no tom de voz, no estilo literário etc. Não há outro igual. O ser-uno diz respeito à sua constituição física e espiritual. Ele é um corpo que tem um espírito, de modo que ele não é só corpo nem só espírito, mas a junção dos dois.

Cada ser humano é diferente do outro, quer fisicamente, quer espiritualmente. Saibamos desenvolver as nossas potencialidades, evitando invejar o progresso já alcançado pelos outros seres viventes.

Fonte de Consulta

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA. Lisboa: Verbo, [s. d. p.]

27/9/2006

O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE

O **indivíduo** e sua relação com a **sociedade** é tema para a pesquisa de muitos estudiosos do comportamento humano. A respeito da origem, que sempre é problemática, aceita-se o pensamento de Aristóteles, quando este afirma que o homem é um animal político, devendo naturalmente viver em sociedade.

A **família biológica** é apontada como o primeiro núcleo familiar. Contudo, não se pode afirmar que a família foi sempre a célula *mater* da sociedade, como pretendem muitos filósofos e pensadores da humanidade. A razão é que na

Antigüidade predominava o comunismo primitivo e, como tal, todos os membros do clã viviam reunidos como se fossem uma única família. Cada indivíduo tinha apenas a responsabilidade de cooperar com o clã para a defesa e sustentação da espécie.

A perspectiva racionalista de que a sociedade surgiu do indivíduo, como pretende Daniel Defoe, em seu livro *Robinson Crusoe*, merece uma crítica. Segundo esse autor, um indivíduo colocado numa ilha desenvolve a sua relação entre capital e trabalho de forma tranqüila. Porém, quando aparece Sexta-Feira, um outro habitante da ilha, tem que pensar na divisão do trabalho e, concomitantemente, na complexidade da sociedade. Na prática, quando nos inserimos na sociedade, ela já se encontra em funcionamento. De modo que não é correto pensar que o indivíduo veio antes da sociedade.

Alguns pensadores políticos, como Tomas Hobbes e Jean Jacques Rousseau, desenvolvem a idéia de que a sociedade deve ser regida por um contrato social, em que cada indivíduo renuncia algo de si em prol do bem comum. Tomas Hobbes, por exemplo, defende a tese de que o homem é lobo do próprio homem; Rousseau, por outro lado, diz no começo do seu contrato social que o homem nasce livre, mas em toda a parte se vê acorrentado. A partir daí, prescrevem a maneira de se constituir a sociedade, onde o todo seja contemplado e os direitos dos cidadãos defendidos.

Embora os pensamentos acima devam ser respeitados, não resta dúvida que a sociedade insere-se numa lei natural, uma espécie de força oculta que leva o homem a viver em conjunto com outros homens. Quer dizer, somos obrigados a viver em sociedade, pois se não o fizermos faleceremos. Além disso, o instinto de sociabilidade complementa-nos uns aos outros e faz seguir a lei do progresso, onde os mais aptos ensinam os menos dotados.

Pensem sempre numa sociedade factível de fornecer as redes de entrelaçamento necessárias à realização de nossa evolução espiritual.

Abril/1998

FRANKENSTEIN E A LEI DE SOCIEDADE

À pergunta: "Quem é *Frankenstein*?", responderíamos que ele é um monstro com passo arrastado, poucas e indistintas palavras, um rosto desmedido e o pescoço ladeado por parafuso. Dado o seu instinto de assassinar as crianças, diríamos que suas ações são contrárias àquelas praticadas pelos seres humanos normais. Com esta noção, temos a impressão de conhecer perfeitamente esta figura "mitológica".

Esta é a imagem que as diversas produções cinematográficas tentam nos passar. Acontece que no livro ele, longe de ser um bronco quase mudo, fala

tão e eloqüentemente que quase convence o seu criador e o leitor de sua bondade intrínseca, além de ser vegetariano e se vangloriar disso. Eis aí o paradoxo do conhecimento. Temos certeza de que conhecemos, mas estamos raciocinando com uma imagem falsa. É que a imagem do filme, muito mais forte do que o próprio livro, criou um "mito" e nós acabamos convivendo com ele, sem o percebermos.

Para uma avaliação mais correta de quem foi *Frankenstein*, devemos nos reportar ao seu autor, por sinal uma mulher de 19 anos, Mary Shelley, que escreveu esta peça literária, em 1816, no sentido de atender ao concurso familiar sobre contos fantasmagóricos, sugerido por Byron. Esse trabalho, longe de ser motivo de sensacionalismo, evoca a tradição antiga, a religião e a filosofia. No campo da tradição antiga, cita *Ilíada*; no campo da religião, fala "aos misteriosos medos de nossa natureza"; no campo da filosofia, evoca as idéias de Locke (*tabula rasa*), Rousseau (*Contrato Social*), Descartes (*Discurso do Método*) etc.

Os discursos da sociedade estão presentes em *Frankenstein*. Ele representa uma metáfora política, em que na primeira parte de sua existência tenta concluir o contrato com os outros homens; na segunda parte nega, pela violência, o contrato que os outros concluíram e o excluíram. Observa-se assim uma enorme contradição: ele quer se ajustar à sociedade, mas esta o rejeita. Fica no isolamento e na solidão, o que lhe engendra desejo de vingança. Por isso, o assassinato de crianças.

Uma reflexão mais profunda sobre esse mito deveria estimular uma mudança de atitude com relação aos aparentemente excluídos da sociedade. O sangue que corre nas veias do pobre não é da mesma natureza daquele que corre nas veias dos nobres? Por que a atenção dispensada aos ricos e o desprezo aos pobres? Se todos somos filhos de um mesmo Pai, se todos viemos de uma mesma origem, por que essa mania de grandeza com relação aos menos afortunados?

Tenhamos sempre em mente a procura da verdade. Muitas vezes ela se esconde atrás dos fatos. Cabe-nos, pois, revolvê-los se quisermos extrair o suco saboroso do conhecimento superior.

Fonte de Consulta

LECERDE, J. J. *Frankenstein, Mito e Filosofia*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1991.

Setemviro/2000

GIGANTOGRAFIA E NIILISMO

A *gigantografia*, metáfora das mensagens violentas e exasperadas bem calculadas, utilizadas pelos escritores, com a finalidade de influenciar, além da

razão, os sentimentos e a imaginação de seus leitores. Entre tais escritores, citam-se George Orwell, em seu *1984* e Aldous Huxley, em seu *Admirável Mundo Novo*. Vejamos como cada um pinta o futuro da humanidade terrestre.

O romance de Orwell foi escrito em 1947 e revisado em 1948, ano em que o comunismo stalinista estava no seu apogeu. Na sua gigantografia do absolutismo estatal, ele inverte os dois últimos algarismos do ano em curso, projetando a situação econômica, política e religiosa para 36 anos à frente. De acordo com o seu pensamento, em 1984 o mundo estaria dominado pelo Estado totalitário, em que o ser humano iria vagarosamente perdendo a sua liberdade e a sua identidade, transformando-se numa larva humana.

Aldous Huxley, em 1931, já havia concluído o livro *Admirável Mundo Novo*, no qual destaca o racionalismo científico e o produtivismo tecnológico, a sua gigantografia. Ele, na sua maneira de interpretar a realidade futura, não combate o Estado como fizera Orwell, mas destaca a sutileza do progresso econômico na perda da liberdade do indivíduo. Comenta que o ser humano se deixou induzir pelas facilidades econômicas, invertendo, inclusive, o sentido da vida: a religião, a arte e os *insights* de criatividade são considerados pecados.

Felizmente, as profecias de Orwell não se deram na data prevista, pois o comunismo russo foi dissolvido entre 1987 e 1991, através do processo histórico da Perestroika, iniciado com Gorbatchev, em 1985, quando se tornou secretário-geral do Partido comunista soviético. O mesmo não se pode dizer das profecias de Huxley, porque a sociedade caminha para essa posição de alienação do ser humano. Os homens do poder utilizam todos os meios para manipular os seus habitantes, embora não-violentos.

Diante desse quadro estarrecedor da conduta humana, os pensamentos de Nietzsche sobre o niilismo e a morte de Deus fazem-nos refletir sobre a busca de um novo sentido da vida, que não seja meramente material, mas que tenha, em primeiro lugar, a conotação espiritual. A frase de Huxley: "Dê-me televisão e hambúrguer e não me venha com sermões sobre liberdade e responsabilidade", deveria ser substituída por esta: "Dê-me sabedoria e virtude e eu voarei até os céus".

Urge voltarmos à sabedoria dos antigos, que nos descortinam um sentido mais acurado para a nossa vida. Eles nos chamam a atenção para o aprendizado, a prática da virtude e a busca de uma moral elevada.

Fonte de Consulta

REALE, GIOVANNI. *O Saber dos Antigos: Terapia para os Dias Atuais*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyla, 1999.

Maio/2003

IDEOLOGIA E VERDADE

A **ideologia** significa ciência da formação das idéias. Em *filosofia*, o conceito tem origem na crise do idealismo hegeliano, em que Karl Marx surge como o seu principal opositor. Dizia: "Não se explica a práxis, partindo das idéias; ao contrário, explicam-se as idéias partindo da práxis (material). De acordo com Marx, portanto, todos os produtos da consciência são "refutados" e "superados" não com outros produtos da consciência, mas com a inversão das relações sociais.

A palavra *ideologia* nos remete à da *classe dominante*. A classe dominante formula idéias e conceitos como sendo universais. Karl Marx, por exemplo, desenvolveu toda a sua teoria no pressuposto de que eram a produção e a economia os fatores determinantes de todas as idéias, inclusive as da religião e da filosofia. O que ele fez foi inverter o processo de conhecimento. Ele caiu no mesmo pecado das idéias abstratas dos filósofos idealistas que o precederam, em especial o próprio Hegel.

O ideologismo exagerado tem como meta o desvirtuamento da verdade. George Orwell, com o seu livro *1984*, já nos alertava para a gigantografia, em que o Estado dominaria por completo o indivíduo. Era uma crítica ao comunismo stalinista. Para ele, que escrevera em 1948, quando o mundo chegasse em 1984, os cidadãos tornar-se-iam verdadeiros escravos do sistema, dispostos às mais abomináveis traições para servir o Estado. "Mera larva de homens, que vive uma vida desprovida de qualquer sentido". A verdade, de acordo com essa ideologia, não é o que é, mas o que parece ser.

As ideologias têm uma expectativa de vida muito superior à dos seres humanos. Elas são possuidoras de uma idéia-força paradigmática, que acabam convencendo até a mente de renomados cientistas. Lênin dizia: "Os fatos são obstinados. As idéias são ainda mais obstinadas, e os fatos são esmagados por elas com mais freqüência do que as idéias esmagadas pelos fatos". O que conta para a ideologia não é o que é verdadeiro, mas aquilo que acaba sendo apresentado como verdadeiro.

Jesus, porém, coloca-nos uma frase emblemática: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará". Pergunta-se: Como nos libertarmos da mentira e do erro da ideologia vigente, do pragmatismo e da ascendência da ciência sobre a metafísica? Refletindo sobre a totalidade do ser e o sentido da vida do ser humano sobre a Terra. Cada um de nós tem uma percepção particular da lei natural, uma espécie de sexto sentido que nos faz desviar do mal. Só se chafurdam no erro e na mentira, aqueles que se descuidam do "orar e vigiar".

Despojemo-nos das idéias preconcebidas. Não nos prendamos a qualquer tipo de sistema. Fiquemos com um pé atrás do que a mídia quer nos vender. Agindo assim, estaremos livres dos laços que nos prendem ao erro.

Fonte de Consulta

REALE, Giovanni. *O Saber dos Antigos: Terapia para os Dias Atuais*. Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 1999.

Agosto/2005

ÉTICA

GENEALOGIA DA ÉTICA

Desde que o homem teve de viver em conjunto com outros homens, as normas de comportamento moral têm sido necessárias para o bem estar do grupo. Muitas destas normas eram extraídas das religiões existentes, que cheias de dogmas e tabus impunham uma dose de irracionalidade ao valor moral. Mesmo entre os chineses, que não possuíam uma religião organizada, havia muitas normas esotéricas de comportamento ético.

A especulação exotérica começa somente com o pensamento grego. Sócrates, Platão e Aristóteles são os seus principais representantes. Sócrates dizia que a virtude é conhecimento; e o vício, é o resultado da ignorância. Então, de acordo com Sócrates, somente a educação pode tornar o homem moralizado. Platão estabelece que a vida ética é gradativamente mais elevada pela adequação desta às idéias (*eide*) superiores, análogas à forma do bem. Aristóteles deu à ética base segura. Dizia que o fim do homem é a felicidade temporal da vida de conformidade com a razão, e que a virtude é o caminho dessa felicidade, e esta implica, fundamentalmente, a liberdade.

Na Idade Média, os valores éticos são condicionados pela religião cristã, especificamente o Catolicismo. A Patrística e a Escolástica são os seus representantes. Nesse período, dá-se ênfase à revelação dos livros sagrados. O Pai, o Filho e o Espírito Santo determinam as normas de conduta. Jesus, que é filho e Deus ao mesmo tempo, torna-se o grande arauto de uma nova ética, a ética do amor ao próximo. Porém, essa ética é conspurcada pelos juízos de valores de seus representantes, que distorcem a pureza do cristianismo primitivo.

As exortações católicas mantiveram-se por longos anos. Contudo, no século XVI o Catolicismo começou a sofrer a pressão do Protestantismo, ou seja, a reação de algumas Igrejas às determinações da Igreja de Roma. Para os protestantes, a ética não é baseada na revelação, mas nos valores éticos, examinados e procurados de per si. A revelação religiosa pertence à religião. O filósofo ético deve procurar os fundamentos ontológicos dessa disciplina, tão longe quanto lhe seja possível alcançar.

Kant, o quebra tudo, surge nesse contexto. Para Kant, a Ética é autônoma e não heterônoma, isto é, a lei é ditada pela própria consciência moral e não por qualquer instância alheia ao Eu. Como vemos, Kant dá prosseguimento à construção da própria moral. Não espera algo de fora. Aquilo que o homem procura está dentro dele mesmo. Muitos são os filósofos que seguiram Kant. Depois destes, surgem Scheller (1874-1928), Müller, Ortega y Gasset etc., que penetram na ética axiológica, ou seja, estuda a ética do ângulo dos valores.

A Ética é a especulação dos valores. Não resta dúvida que esse escorço histórico muito nos auxiliará numa melhor compreensão da moral e dos sentidos nela incorporados.

Fonte de Consulta

SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.

Maio/1998

ÉTICA E MORAL

Ética – do grego *ethos* significa comportamento; **Moral** – do latim *mores*, costumes. Embora utilizamos os dois termos para expressarmos as noções do bem e do mal, convém fazermos uma distinção: a Moral é **normativa**, enquanto a Ética é **especulativa**. A Moral, referindo-se aos costumes dos povos nas diversas épocas, é mais abrangente; a Ética, procurando o nexo entre os meios e os fins dos referidos costumes, é mais específica. Pode-se dizer, que a Ética é a ciência da Moral.

Ética e Moral distinguem-se, essencialmente, pela especulação da Lei. A Ética refere-se à norma **invariante**; a Moral, à **variante**. Contudo, há uma relação

entre ambas, pois a sistematização da segunda tem íntima relação com a primeira. Nesse sentido, a Filosofia e a Religião contribuem para a fundamentação da tal norma. A raiz da Ética deve e terá de ser encontrada na Ontologia. A Axiologia é apenas uma disciplina desta. O valor é ainda ser e não nada.

O caráter **invariante** da Lei possibilita-nos questionar: de onde veio? Quem a ditou? Por que? Com que fim? A resposta dos **transcendentalistas** é que ela é **heterônoma**, isto é, veio de fora do "eu". Deus seria o autor da norma. Lige-se, assim, Filosofia e Religião. Para os cristãos, as normas éticas estão centradas nos Dez Mandamentos; a resposta dos **immanentistas** é que ela é **autônoma**, isto é, surge das tensões das circunstâncias.

Deus é o autor da Lei. Mas, que é Deus? Como surgiu? Por que? Eis algumas perguntas cujas respostas nos deixam embaraçados. A dificuldade de defini-Lo não significa sua inexistência, pois, sentimo-Lo dentro de nós mesmos, através das suas leis, que estão gravadas em nossa consciência. Ética e Moral são objetivas, pois fazem parte da constância e invariância da eternidade de Deus. Cabe-nos, abrir a nossa mente, para captá-las com mais precisão.

Ética e Moral determinam a perfeição do ser. Acostumados a confundir os meios com os fins, não conseguimos visualizar claramente o fim último da existência humana. Por isso, o erro crasso de conceber a Moral como um mero e fastidioso catálogo de proibições. O fim do homem é, pois, o de realizar, pelo exercício de sua liberdade, a perfeição de sua natureza. Implica, muitas vezes, a obediência à vontade de Deus, contrariando a própria, se assim delimitar o dever imposto pela consciência.

Os valores éticos e morais devem ser procurados na Lei Natural, a única que nos abre o caminho para a libertação de nosso espírito imortal.

Maio/1995

ÉTICA E RESPONSABILIDADE

Ética – do grego *ethos*, cuja significação originária é **morada**, seja o **habitat** dos animais ou o **abrigo** do homem. O segundo sentido, proveniente deste, é **costume, modo** ou **estilo** habitual de ser. A **morada**, vista metaforicamente, indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável para o homem. Assim, o espaço do *ethos* enquanto espaço humano, não é **dado** ao homem, mas por ele **construído** ou incessantemente reconstruído.

A ação humana, embora restrita à responsabilidade pessoal, tem como objetivo o interesse público. A vivência, semelhante à do eremita no deserto, é uma exceção. A questão ética diz respeito ao auxílio que cada um possa exercer na **transcendência** do outro. Em realidade, é a criação de condições para que o outro realize plenamente o seu projeto de vida ao qual foi destinado.

O princípio da autodeterminação moral é a base do comportamento ético adulto. Deixar-se guiar pelas máximas alheias é perder o **eu** em si mesmo. Segundo Sócrates, o *ethos* verdadeiro é agir de acordo com a razão, que se eleva acima do consenso da opinião da multidão, para atingir o nível da objetividade própria do saber demonstrativo. A autonomia, assim, não se realiza na solidão, mas se consolida pelo contato entre os seres humanos.

A lei é o farol da ética. Sua origem etimológica encontra-se no termo *nomos* de que o vocábulo lei (*lex*) é a tradução latina. *Nomos* vem do verbo *nemo* que significa **dividir, repartir com outro**, sugerindo a idéia de justiça. Dessa forma, as ações individuais no cumprimento dos deveres, devem salvaguardar a liberdade própria e a do outro. Por isso, Voltaire afirma com veemência: "Não concordo com o que você diz, mas defenderei o direito de você dizê-lo até o fim".

A reflexão sobre o *ethos* leva-nos à prática do amor. O verdadeiro exercício do amor longe está das proibições e interdições de que a moral propõe. É uma autodeterminação que envolve a autonomia da vontade na busca da atualização do ser. Assim, não é agir de qualquer jeito, mas de forma ordenada, generosa, que promova a pessoa e os direitos do outro, sobretudo quando esses direitos são espezinhados.

O cumprimento de nossos deveres, agradando ou não, marca indelevelmente a nossa presença no seio da sociedade. Cuidemos para que os nossos atos sejam dignos de apreciação.

Fonte de Consulta

NOGUEIRA, J. C. *Ética e Responsabilidade Pessoal*. In MORAIS, R. de. *Filosofia, Educação e Sociedade(Ensaio Filosóficos)*. Campinas, SP, Papyrus, 1989.

Junho/1995.

ÉTICA EM ARISTÓTELES

Aristóteles, um dos grandes filósofos da Antigüidade, não surgiu do nada. Ele situa-se no contexto histórico como discípulo de seus predecessores, especialmente Sócrates e Platão, dos quais recebeu muitos ensinamentos. Em sua **teoria sobre a bondade**, instrui-nos sobre o valor da virtude, tanto na prática pessoal com em sociedade. É o que veremos nas linhas que se seguem.

Para Aristóteles, a **virtude** é a habilidade de escolher o grau correto ou a intensidade da ação dentro da escala de possibilidades. Em outras palavras, ser virtuoso é saber escolher o caminho do meio. Obviamente, não podemos dizer que um homem tímido é corajoso: mas estritamente falando, nem que ele é um colérico negligente. Coragem, então, é a medida que vem do medo – que pode perfeitamente ser calculada face ao risco. Similarmente, generosidade consiste em dar a própria quantia – nem mais nem menos – de ajuda, de dinheiro, de bens.

Usando esta noção de virtude, Aristóteles descreve o que é a "**grande alma**" ou a "**magnanimidade**". É a pessoa que consegue unir em si mesma todas as virtudes morais. Nesse sentido, o homem que se avalia corretamente não se engrandecerá e nem se rebaixará, pois tanto uma situação quanto a outra é considerada um vício. Não falará nem muito alto e nem muito baixo. Seu comportamento não será nem arrogante e nem servil. Não procurará o perigo e nem fugirá dele arbitrariamente.

A virtude moral consiste em fazer as coisas corretas. Aristóteles pensa que tais coisas devem ser feitas de acordo com regras apropriadas. Essas regras podem ser descobertas pelo exercício da virtude intelectual, ou seja, a faculdade racional que existe em cada um de nós. A razão é o elemento básico que pode definir o perfeito entrelaçamento entre o meio e o fim. Embora ressalte a auto-suficiência do ser humano, não deixou de salientar a validade do convívio social, especificamente ao definir o homem como um **animal social**.

Nos seus estudos sobre a ética Aristóteles, não muito longe dos primeiros filósofos, pensa **empiricamente**, isto é, ele considera o que os homens realmente fazem e dizem, e as distinções éticas que comumente surgem. Assim, foi o precursor do pensamento moral naturalista, pois começou com os fatos antes mesmo dos princípios. De qualquer forma, sua teoria sobre a ética dá ensejo à sua teoria metafísica, e revela o esforço que concede à razão.

Esse estudo sobre Aristóteles mostra-nos a importância dos valores éticos e da sua aplicação no dia-a-dia. Não nos deixemos levar pelos que não põem em prática tais conceitos.

Fonte de Consulta

HUXLEY, SIR J. e OUTROS. *Growth of Ideas: Knowledge, Thought, Imagination*. New York, Doubleday & Company Inc., 1966.

Junho/1997

ÉTICA A NICÔMACOS

Aristóteles, o maior sistematizador da Filosofia grega, escreveu mais de quatrocentas obras, das quais restam quarenta e sete, algumas certamente

autênticas e outras de autenticidade duvidosa. Destas quarenta e sete, somente uma pertence à classe das chamadas exotéricas, isto é, obras de divulgação, para "gente fora da escola". Dentre tais obras, as dedicadas à Ética são: a *Ética a Nicômacos*, a *Ética a Êudemos* e a *Ética Maior*(ou *Magna Moralia*).

O caráter estritamente esotérico de suas obras deve ser ressaltado. Aristóteles não escrevia para o público em geral, mas para o uso interno na sua academia. Em todas as suas obras sobre a Ética há características de notas de aula, tomadas pelos alunos, e transformadas em apostilas, para que o material fosse aproveitado na escola e não se perdesse no tempo. A *Ética a Nicômacos*, por exemplo, teria sido a edição das notas de aula tomadas pelo seu filho Nicômacos.

A *Ética a Nicômacos* compõe-se de dez livros. No livro I Aristóteles tenta determinar quais as coisas que são boas para o homem, inclusive qual é o bem supremo. Nos livros II, III e IV descreve as várias formas de excelência moral. Nos livros V, VI e VII examina com mais cuidado as excelências morais e as deficiências morais. Nos livros VIII e IX, destoando do escopo de sua obra, analisa a amizade. No livro X, concluindo, especula sobre a amizade e introduz o leitor à sua nova obra, ou seja, a *Política*.

A *Ética a Nicômacos* difere profundamente de um livro moderno de filosofia. No seu conteúdo, nota-se repetidas vezes, o sentido de coleção de notas de aula, elaborada com mais ou menos cuidado. Quer dizer, falta-lhe unidade e coerência, requisitos de um livro moderno de filosofia. O bem supremo, ou a felicidade, por exemplo, é objeto de discussões separadas nos livros I e X (o primeiro e o último da obra). Deixa muito espaço para a amizade e discute pouco a excelência intelectual.

O conteúdo da *Ética a Nicômacos* é determinar qual é a finalidade e o bem supremo da criatura humana, a fim de que ela possa fruir a felicidade de maneira mais elevada. Para Aristóteles, a ética é parte da ciência política, porque descreve o homem como um animal social que deve participar de sua polis. Este homem, como governante, deve proporcionar não só a felicidade de seus familiares e amigos com também de seus concidadãos. Para isso deve conhecer a formas de governo e de como governar, assunto de sua obra *Política*.

A ética é uma especulação sobre o bem e o mal, a justiça e a injustiça, a felicidade e a desgraça etc. Saibamos colocá-la em prática nos deveres mais ínfimos ou mais elevados de nossa vivência.

Fonte de Consulta

ARISTÓTELES, *A Ética a Nicômacos*. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília, Editora Universidade de Brasília, c1985.

Maio/1998.

Mente

EXPANDINDO A MENTE

Muitos seres humanos, influenciados pelo realismo ingênuo, só aceitam aquilo que as suas mãos podem pegar. Com isso, acabam negligenciando o verdadeiro conhecimento, aquele vindo através da inspiração divina. Para eles, qualquer outra realidade não tem fundamento; permanecem, assim, extremamente focados em si mesmos, em suas teorias e em suas formas de interpretar o mundo em que habitam.

A realidade, porém, é muito mais vasta do que a capacidade sensorial dos nossos órgãos físicos. Observe que os nossos receptores sensíveis à luz, nos olhos, são percebidos numa faixa de 1/70 do espectro eletromagnético, que varia em extensão de ondas de 10^{-14} a 10^8 metros; os nossos ouvidos, entre 20 a 20.000 vibrações por segundo. Dentro deste enfoque, o Espírito André Luiz, *Nos Domínios da Mediunidade*, diz: "A onda hertziana e os raios x vão ensinando aos homens que há som e luz muito além das acanhadas fronteiras vibratórias em que eles se agitam, e o médium é sempre alguém dotado de possibilidade neuropsíquicas especiais que lhe estendem o horizonte dos sentidos".

Se, de relance, pudéssemos vislumbrar o que o futuro nos aguarda, mudaríamos radicalmente todos os nossos valores terrenos. O que nos tornaremos depois da morte física? Iremos para o Céu? Para o Inferno? Nada disso. O que ocorre, com certeza, é a expiação ou o regozijo do que fizemos em vida. É a lei do retorno, isto é, iremos colher na mesma medida em que semeamos. Por isso, vale mais sofrer todo o tipo de injustiça do que cometer um único erro que nos leva à perdição.

Para que a nossa mente se expanda, deveríamos nos lembrar da aula do filósofo. Numa dada ocasião, ele se apresentou com quatro vasos pequenos contendo, respectivamente, pedra grande, pedregulho, areia e água e um vaso maior. Pegou o vaso com pedra e o despejou no vaso grande, depois o vaso com pedregulho, posteriormente o vaso com areia e, por último, o vaso com água. A seqüência tem que ser esta: pedra grande, pedregulho, areia e água. Se começasse pela água, sobraria pedra grande para encher o vaso grande. Moral da história: dê prioridade ao mais importante; o resto serve para preenchimento.

Coloquemos, em primeiro lugar, a pedra grande, ou seja, elejamos as prioridades que realmente auxiliem o progresso de nossa alma. É como ouvir estas palavras: "Busca em primeiro lugar o Reino de Deus e tudo o mais virá como acréscimo da Sua misericórdia". Não nos importemos muito com o progresso do ímpio, o poder adquirido pelo político e a fama conquistada por essa ou aquela pessoa. Atendamos, sim, à Vontade daquele que nos enviou neste mundo, pois somente Ele sabe o que é melhor para cada um de nós.

Vivamos plenamente a vida espiritual. Lancemos guerra aos pensamentos inúteis e aos empecilhos que nos estimulam a mudar de rota. Fortaleçamo-nos no Senhor e continuemos a nossa caminhada. Mesmos cansados, ainda podemos ir muito longe.

Janeiro/2005

MENTE CRIADORA

O poder do pensamento criador acaba, com o tempo, sendo corroído pelo hábito. Muitas pessoas de idade perdem o ímpeto de tentar o desconhecido, de se arriscar em novos empreendimentos, de enfrentar a complexidade da vida. Condicionam-se sem o saber. Levantam-se sempre num determinado horário, tomam o seu café meia hora depois e lêem o jornal durante 15 minutos. Depois disso, arrumam-se e vão para as suas atividades habituais. Repetem o processo no dia seguinte, e assim sucessivamente. O imprevisto não faz parte de suas agendas diárias.

O hábito cria em nós a "fixação funcional", a "rigidez na solução do problema" e a "mecanização da vida". Essas atitudes comportamentais ficam de tal maneira impregnadas em nosso subconsciente que, somente a muito custo e pela aplicação incessante da vontade, é que conseguimos algum progresso em sua ruptura. Alguns espiritualistas emprestam a essas atitudes o termo "cascões mentais"; acrescentam, ainda, que esses cascões mentais são sumamente prejudiciais à educação das crianças, porque estas, em tenra idade, são obrigadas a aceitar ordens pouco racionais dos adultos, baseadas mais no preconceito do que no bom senso.

Para obter bom êxito no des-condicionamento, Osborn sugere a aplicação do *brainstorm* (tempestade de cérebros), método criado por ele, em que há

uma separação entre o pensamento crítico e o pensamento ideador. Um dos princípios relevantes deste método é o de permitir que todos os participantes de uma reunião possam falar livremente sobre um determinado tema, sem que haja reproche por parte de qualquer outro membro do grupo. Com isso, acha ele, liberamos o espírito criador que existe dentro de cada um de nós.

O **desânimo próprio** não deixa de ser um fator limitativo da criatividade. Ao elaborarmos idéias que não são de toda a gente, quase sempre sofremos as investidas adversas, que procuram esfriar o nosso entusiasmo. Suponha que apresentemos um projeto arrojado para um determinado grupo de pessoas, e ele seja vetado. Qual é a nossa reação? Ficamos desanimados. Mas o que é pior? Parecermos absurdos a nós mesmos ou aos outros? Todos temos uma luz interior. É melhor segui-la do que nos desviarmos para os caminhos que não deveríamos percorrer. .

A **timidez** também é um entrave ao pensamento criador. A timidez pode ser entendida como uma espécie de orgulho que nos faz ficar escondido quando, com muita boa razão, deveríamos estar em público. Voltamo-nos para a nossa limitação, achando que os outros sabem mais do que nós e que não é preciso nos expressar. Essa postura, porém, cria em nós um círculo vicioso, porque coibindo um pensamento, um ato, os outros pensamentos e atos que daí pudessem advir ficam parados, de modo que em pouco tempo vemos o total embotamento de nossa inteligência.

Liberemos o nosso poder criador. Ele nos foi oferecido por Deus não somente para o nosso proveito pessoal, mas também para servir de estímulo a toda a humanidade.

Outubro/2005

POR UM MUNDO CRIATIVO

A nossa mente é o resultado de todas as nossas experiências passadas. Nela estão gravados as nossas crenças, os nossos hábitos e os nossos automatismos. Os nossos erros e os nossos acertos foram, ao longo do tempo, constituindo aquilo que denominamos o *eu*. O *eu*, visto desta forma, é um elemento de causa, isto é, fruto de uma experiência passada. Pergunta-se: como romper com os reflexos condicionados negativos e transformá-la num pólo positivo de criatividade?

Começemos esta abordagem por uma reflexão sobre o inconsciente. O que é o inconsciente? Como se expressa? O inconsciente é esse passado, o qual fica escondido em nossa mente. Os nossos impulsos e as nossas tendências ali estão guardados, contudo não os percebemos de imediato. Diz-nos a Psicologia que quando queremos repreender alguém que fala alto demais, que liga o seu aparelho de som no último volume ou que usa o celular em lugares

indevidos, é porque gostaríamos de estar fazendo o mesmo, mas nos reprimimos. Se víssemos o defeito do outro como um *espelho* em nós, muito lucraríamos com isso.

A percepção do defeito do outro deve ensejar uma mudança em nossas atitudes. Como realizá-la? Partindo de um princípio fundamental: "tudo aquilo em que nos concentramos se expande". Se o nosso foco é o crime, o tédio e a falta de dinheiro é isso que se expande em nossa mente. Assim, se nos concentrarmos em todas as coisas problemáticas, negativas, difíceis e impossíveis de aceitar, criamos resistência à conexão afirmativa e criativa com as suas reais circunstâncias.

De acordo com Campbell, Freud nos ensinou a culpar os nossos pais e Marx a classe dominante. Acrescenta que "Na verdade, a única pessoa que você realmente pode considerar responsável é você mesmo". Em vista disso, não deveríamos culpar nem o acaso e nem o próximo pelas nossas derrocadas. O correto é lidar com a vida que surge: se algo nos acontece é porque deveria realmente nos acontecer. Com isso, tomamos participação ativa na vida e em tudo que nos rodeia.

Todo o ser humano tem potenciais e possibilidades à espera de realização. Conseqüentemente, as nossas conversas, os nossos diálogos e os nossos embates devem primar pela abertura ao novo. O processo criativo poderia ser descrito da seguinte forma: uma vez posto um objetivo, haverá divergências e convergências, as quais deverão encaminhar para uma síntese, que é a solução de um problema. Lembremo-nos de que a adoção de uma Visão de Mundo Criativa requer um contexto distinto para a interpretação do que acontece na nossa vida.

Avante! Como ainda somos crianças na arte de elevar, é importante que nos coloquemos humildemente diante de nossas imperfeições. Todo o dia é dia de melhorar alguma coisa em nós.

Fonte de Consulta

LAND, George e JARMAN, Beth. *Ponto de Ruptura e Transformação: Como Entender e Moldar as Forças de Mutação*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1995.

Maio/2006

MAGIA MENTAL

A magia mental é um processo de utilização do pensamento no sentido de prover um futuro mais feliz para a nossa realização pessoal. Para obter tal resultado, precisamos aprender a combater a *nosso favor*, mas nunca *contra nós mesmos* seja o que for que nos aconteça. Desafiar e investigar o incômodo passageiro é um exercício que deve ser feito ininterruptamente.

O futuro não deve ser temido, porque ele é o resultado do que estivermos pensando hoje. O acaso é uma palavra inventada pelas pessoas que não crêem no esforço próprio de evolução espiritual. Cada ser humano é uma partícula de pensamento que pode ser endereçada ao mundo todo. Essa partícula gera uma energia, que nos faz permanecer nela, porque foi criada dentro de nós mesmos. O mundo externo pode ser uma guerra, porém podemos passar no mundo sem guerrear a ninguém.

As utopias podem se tornar realidade. Não tenhamos medo de fazer projeções de paz, de harmonia e de felicidade. Imaginar um mundo perfeito onde todas as pessoas se amam verdadeiramente, em que haja total transparência, total sacrifício da personalidade humana pode parecer utopia no presente, pois o que estamos presenciando, principalmente nas guerras, é um matando o outro. Pergunta-se: como mudar esse *status quo* se não pensarmos de modo diferente? Alfred Tennyson foi muito feliz quando disse: "Pense bem! A boa realização seguir-se-á ao pensamento".

Para amadurecermos e termos o nosso espírito voltado para o futuro, convém verificar aquilo que *nunca* é um dever. Eis alguns exemplos: dar o que na verdade não deseja dar; sacrificar a própria integridade a favor de outrem; fazer mais do que se tenha tempo para realizar; escutar conselhos insensatos; agir além da sua capacidade real; conservar relações desleais; ser diferente do que na realidade é; suportar situações desagradáveis; procurar agradar a quem é desagradável; suportar o ônus do mau comportamento de outrem; desculpar-se por ser o que é.

Lembre-mo-nos de que tudo o que a mente concentra expande. O nosso pensamento deve provocar o aparecimento da renda, da oportunidade, da felicidade. Se estivermos constantemente pensando no mal, na tristeza, na doença é isso que vamos atrair para o nosso futuro. Queremos garantir um futuro mais rico? Elevemos o nosso nível mental e aumentemos o nosso poder de percepção. Não tenhamos medo de criar uma atmosfera de felicidade ao nosso redor. Cada qual vive dentro da sua própria projeção.

Pensem em felicidade como um processo de libertação, não como algo a adquirir. Se, paulatinamente, formos tirando de nosso cérebro as coisas que causam infelicidade, o resultado será a plena felicidade.

Fonte de Consulta

HOWARD, Vernon. *Segredos da Magia Mental: Como Fazer Uso de todo o Poder da Mente*. Trad. de E. Jacy Monteiro. São Paulo: Bestseller, 1996.

Junho/2006

MENTE E O MEDO

A mente humana, para a maioria dos psicólogos, está associada à percepção, ao pensamento, à recordação e ao comportamento inteligente. Assim sendo, ela é passível de vários estados: de alegria, tristeza, segurança, insegurança, medo, audácia, saúde e doença. Dentre todos esses estados, o do medo assume papel relevante no entrave à liberdade do ser humano.

Reflitamos inicialmente sobre a **aprendizagem**. O que se entende por aprender? O que distingue aprender de conhecer? Aprender é uma atividade do tempo presente enquanto o conhecimento é do tempo passado. Nesse sentido, sempre que estivermos presos ao conhecimento, à memória, estaremos dificultando o trabalho da mente no momento atual e, concomitantemente, enaltecendo o medo, o medo de que a nossa memória vai falhar, o medo de não sabermos tudo o que deveríamos saber para a execução de nossos deveres na sociedade.

Passemos à discussão do **problema**. O que é um problema? Por que ele gera o medo? O problema existe toda a vez que deixamos de enfrentar e encaminhar uma situação até suas últimas conseqüências. Fugindo ao problema, adiando-o, vamos criando um conflito interior, que dificulta a elaboração plena de nosso pensamento. Por outro lado, se o enfrentarmos no justo momento que ele aparecer, não teremos mais problemas, porque ele foi encaminhado corretamente. Este procedimento deixa nossa mente livre para outras atividades, necessárias à evolução do Espírito.

Elaboremos também sobre o **medo**. O que é o medo? Qual sua origem? Como ele nasce em nós? O medo surge porque fazemos comparações. Quando nos comparamos aos outros ou àquilo que poderíamos ser nós realçamos o medo, ou seja, o sentimento de que iremos fracassar, de que não iremos conseguir aquilo que idealizamos. Esquecemo-nos também de que cada um de nós é uma individualidade, e por força da lei, deferente de todos outros. Esta, sem dúvida, é a grande dificuldade geradora do medo.

O desejo ardente de **segurança** é outro fator importante na geração do medo. O fato de termos de ganhar a vida para nos sustentar gera o medo, pois pode assolar-nos a imagem da derrota. São clássicos, neste mister, os pensamentos sombrios sobre a saúde, a despedida do emprego, o aparecimento de alguém que irá ocupar a nossa função etc. O darwinismo social, ou seja, a vitória dos mais aptos, dos mais inteligentes está sempre ruminando a nossa mente. Além disso, a célebre frase de Hobbes de que "o homem é lobo do próprio homem", também nos visita periodicamente.

O melhor antídoto contra o medo é buscar a sua causa. Tomando consciência da sua origem, teremos mais condições de encaminhar nossa vida rumo aos destinos que nos está reservado.

Fonte de Consulta

KRISHNAMURTI, Jidu. *A Mente sem Medo*. Tradução por Hugo Veloso. Rio de Janeiro: Instituição Cultural Krishnamurti, 1965.

Maio/2002

AUTO-PERCEBIMENTO: LIBERTAÇÃO DA MENTE

Ao nos movimentarmos na vida estabelecemos relações conosco mesmos e com o nosso próximo. Ao nos relacionarmos conosco mesmos e com os outros criamos problemas. Os problemas, de seu lado, nada mais são do que perturbações em nosso bem-estar. Eles podem originar-se de uma doença, de um sofrimento psicológico, de um desejo insatisfeito, do ódio, da injúria, do elogio etc. É sobre essa perturbação momentânea que iremos refletir nas próximas linhas.

É válido querer saber a causa do sofrimento? Não seria isso fugir dele? Quando queremos saber o porquê, isto é, se foi por causa de nossa incúria, ou de uma encarnação passada, o que estamos tentando fazer é aquietar o pensamento, dando-lhe um consolo. A atitude correta seria tomar consciência do sofrimento, tentando entrelaçar observador e coisa observada, pois se o sofrimento for analisado como se estivesse fora de nós, dá-se a impressão de que ele não nos pertence, o que dificulta a percepção.

A mente gosta de embalar-se na ilusão. Por que? Observe: geralmente atribuímos autodecepção aos nossos projetos de vida. A decepção aparece porque estabelecemos um hiato entre o **que é** e o que **deve ser**. Como todos nós queremos ser alguma coisa, porque o nada nos aborrece e nos dá um sentimento de inutilidade, acabamos projetando um devir acima do que é. Esta é a ilusão pela qual a maioria dos seres humanos é vítima. Como não bastasse, acabamos transmitindo aos nossos descendentes.

Devemos atender à vontade de Deus ou nos submetermos ao que é? Quando damos importância exagerada à vontade de Deus, deixamo-nos guiar por uma idéia, que é alheia a nós. Refletir sobre o **que é** é mais difícil. Temos que partir do nada, da nossa insignificância e, através do pensamento, ir construindo um modo peculiar de entender a realidade nua e crua. Lembremo-nos de que não existe nem o erro nem a verdade; falsos ou verdadeiros são sempre os nossos juízos com relação à realidade.

Qual a palavra mágica para a resolução do problema? De acordo com Krishnamurti, a solução do problema está no autopercebimento. O raciocínio é simples, mas de difícil aplicação. Temos de tomar como se fosse nosso aquilo que se nos apresenta. Quer dizer, não devemos fugir das admoestações, dos caminhos que temos de percorrer e das perturbações que temos de passar. É refletindo sobre o que vem à mente, sem censura ou outro subterfúgio, que conseguiremos aquietar o nosso cérebro para a real percepção do problema e sua conseqüente solução.

Tenhamos coragem de olharmos para dentro de nós mesmos. Somos o que somos. De nada adianta fazermos uma imagem que não corresponda ao que é.

Fonte de Consulta

KRISHNAMURTI, J. *A Primeira e a Última Liberdade*. Tradução por Hugo Veloso. São Paulo, Cultrix, 1960.

Outubro/2002

DESINIBINDO O ESTADO MENTAL

Quais são os fatores inibidores da manifestação de idéias? Por que temos receio de tornar públicas nossas idéias? Será por timidez? Orgulho? O que leva uma pessoa a guardar somente para si o conteúdo de sua descoberta? Faltam-nos instruções para melhor aproveitarmos a nossa capacidade criativa? Como lhes sobrepor fatores estimuladores?

A resposta que deu certo no passado é um dos primeiros entraves. Diante de um novo problema, a nossa mente se volta para aquilo que surtiu efeito satisfatório. Se nos acostumarmos com esse tipo de resposta, haverá uma mecanização, fixidez e rigidez mental que, por sua vez, obsta a busca de uma nova resposta. É preciso vencer esse tipo de inibição. Como? Enfrentando abertamente o desafio, ou seja, tomando consciência de que o obstáculo existe para auxiliar o nosso desenvolvimento mental e não o contrário.

A timidez vem em segundo lugar. Temos uma idéia brilhante, mas a guardamos somente para nós, com medo de cairmos no ridículo. Repetindo-se o fato, vamos criando uma barreira à vinda de novas idéias e, com isso, estiolamos o nosso poder criador. Osborn, o pai do *brainstorm*, enveredou-se pelo caminho oposto, ou seja, quis criar condições para que as pessoas pudessem expor livremente as suas idéias, sem medo de críticas ou reproches. Com isso, achava que haveria uma melhor comunicação entre os membros de um grupo e as pessoas envolvidas poderiam chegar a uma melhor solução do problema.

O desânimo próprio é outro fator inibidor. Como ele surge? Apresentamos uma idéia revolucionária, mas o grupo a rejeita. Depois de algum tempo, tentamos novamente, e temos nova rejeição. As sucessivas rejeições provocam-nos uma certa apatia para com o grupo. Com isso, as nossas idéias vão ficando incubadas, até desaparecerem por completo. É preciso vencer esse estado mental. Poderíamos pensar: Quem sabe não haveria uma outra forma de convencimento? Mudando o tom da voz, conversando diretamente com o responsável ou comunicando o conteúdo de outra forma.

O estímulo do amigo é um excelente des-inibidor. Quando somos elogiados por uma pessoa que é elogiada por todos, o nosso ego recebe uma injeção de ânimo. Aquelas palavras geram em nós um novo combustível, incitando-nos a trabalhar mais e com mais prazer. Por outro lado, o desestímulo do amigo é muito mais poderoso do que o de um inimigo. De qualquer forma, devemos

estar sempre preparados para tudo o que nos acontecer: tanto coisas boas, quanto as ruins.

Como estamos nos comportando? O que poderia ser corrigido? Estamos maximizando a nossa motivação interior? As respostas sinceras a essas perguntas nos traçam o verdadeiro caminho de nossa evolução material e espiritual.

Março/2006

RENOVAÇÃO MENTAL

Somos o resultado de todas as nossas ações do passado. Alguns psicólogos identificam este resultado como sendo o inconsciente; outros falam de um inconsciente coletivo. As religiões dogmáticas classificam-no como "pecado original". Concomitantemente, a cada dia que passa vamos acrescentando experiência ao nosso passivo espiritual. Assim, a mente atual nada mais é do que a soma de tudo o que fizemos ao longo de todo esse tempo. Pergunta-se: é possível uma transformação radical da mente, mesmo estando presa aos paradigmas do passado?

O inconsciente é o nome que damos à soma das experiências. Porém, a inconsciência não existe, mas sim a consciência. Por que? Porque tudo está na consciência, embora tenhamos percepção limitada da mesma. De acordo com a Doutrina Espírita, poder-se-ia dizer que o nosso cérebro físico, sendo limitado ao corpo físico, não é capaz de absorver todas as informações registradas em nosso cérebro espiritual. Há muitas informações que ficam apenas no corpo espiritual, que não inconscientes.

A renovação mental exige experiência. Observe que precisamos de ação para dar respaldo àquilo julgamos ser. A salvação da alma, para muitas religiões, está atrelada ao bem que se faz ao próximo. Contudo, se fizermos o bem com o intuito de receber uma recompensa, a salvação já estará comprometida. A virtude, por exemplo, não conta com nenhuma autoridade. Krishnamurti diz: "A mente que segue uma fórmula, disciplinando-se para alcançar a virtude, cria para si própria os problemas de imoralidade".

Como surgem os problemas? Por que eles perduram ao longo do tempo? Problema pode ser definido como um desafio não resolvido. Por isso, tudo o que nos chegar deve imediatamente ser resolvido, para que deixe livre o nosso estado mental. A mente aberta é aquela que dá uma resposta imediata ao que lhe foi solicitado. O hábito de adiar os nossos compromissos cria para nós um desânimo mental que pode ser nefasto para o resto de nossa existência.

O apego ao passado dificulta sobremaneira a nossa renovação mental. Estamos ainda excessivamente presos às tradições, à autoridade e às crenças religiosas. Para nos libertar do passado, temos que nos libertar dos paradigmas que o construíram. Muitos dizem que dever haver um choque externo, pois

olhando as coisas com os mesmos olhos, não saímos do lugar, ou seja, voltamos a ponto de partida. Nesse sentido, a virtude não deve ser cultivada, mas fazer parte do próprio ser.

Estejamos abertos aos apelos do alto. Reflitamos sobre tudo o que se nos apresenta. Nada de preguiça, quando o assunto é a nossa renovação espiritual.

Fonte de Consulta

KRISHNAMURTI, Jidu. *A Importância da Transformação*. Tradução de Hugo Veloso. São Paulo: Cultrix, 1972.

Agosto/2005

REAL E ILUSÃO

Real – na hodierna terminologia filosófica significa o ente, o que existe em oposição, tanto ao que é apenas aparente, quanto ao que é puramente possível. **Ilusão** – percepção errônea ou equivocada, devido à má interpretação dos dados dos sentidos ou dos elementos de uma experiência vital. O erro não está no dado sensível, mas no que se lhe junta. **Percepção** – na generalidade, função pela qual o nosso espírito forma uma representação dos objetos exteriores.

A relação entre o real e a ilusão pode ser vislumbrada no mito da caverna de Platão. Nesse mito, Platão coloca alguns homens de costas para a entrada de uma caverna, de modo que só vêem as suas próprias sombras. Vivem, assim, na ilusão, pois há luz, conhecimento fora da mesma. Mas como estão voltados para as sombras, não conseguem ver a realidade do mundo exterior. Foi preciso que um deles, o filósofo, se virasse e fosse ao encontro dessa luz. Porém, se quisesse voltar e contar aos outros a sua visão, seria rejeitado, porque eles só conseguem ver as sombras.

Essa recusa do real é estudada por Rosset em seu livro *O Real e seu Duplo*. De acordo com o autor, esta recusa pode ser radical e flexível. Na **recusa radical**, podemos optar pela fórmula do suicídio (dar cabo da própria vida), da loucura (ruína mental) ou da cegueira involuntária (fazer vistas grossas). Na **recusa flexível**, nós não nos eliminamos, mas criamos um duplo, ou seja, uma situação de segurança para podermos suportar, tolerar a verdade que está nos incomodando.

A ilusão ronda o meio religioso. Quantos não são os divulgadores que enganam os seus crentes? Quantos não são os religiosos que impõem um comportamento fora dos padrões estabelecidos pela lei natural? Quantos não preferem a situação de destaque, renunciando à sua própria consciência? De

acordo com o Espírito Emmanuel, há católicos romanos que restringem ao padre o objeto de confiança; reformistas evangélicos que se limitam à fórmula verbal e espiritistas que concentram todas as expressões da fé na organização mediúnica. É natural, portanto, a colheita de decepções.

Contudo, diz o dito popular que "a justiça tarda mas não falha". Mesmo que pareça demorar, a verdade não deixa de corrigir os erros de entendimento. E a verdade, iluminada pela luz da Doutrina Espírita, reforça-nos a convicção de que se não se opera nesta encarnação, haverá outras para o reajustamento. Por isso, o tempo é o grande mestre que colocará tudo no devido lugar. Basta que saibamos esperar o momento oportuno para a nossa ascensão espiritual.

É preciso que estejamos sempre atentos, a fim de melhor perceber a realidade que nos rodeia, diminuindo o grau de ilusão com relação às verdades eternas.

Fonte de Consulta

ROSSET, C. O Real e Seu Duplo – Ensaio sobre a Ilusão. Porto Alegre, L&PM, 1998.

Janeiro/1999

Atitude e comportamento

ATITUDE E COMPORTAMENTO

Atitude - Do latim *aptitudinem* significa uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões e acontecimentos ocorridos em nosso meio circundante. **Comportamento**. *Porto*, em latim, significa levar. Em português passou a forma reflexiva: portar-se. O prefixo "com" denota um modo global de levar-se, portar-se. É o conjunto organizado das operações selecionadas em função das informações recebidas do ambiente através das quais o indivíduo integra as suas tendências.

A **Percepção** é uma atividade do espírito que organiza os dados sensoriais pelo qual conhecemos a "presença atual de um objeto exterior". Ao captarmos os dados, enfrentamos um grande problema, ou seja, a distorção perceptiva: vemos as pessoas de uma forma bem diferente das que elas são, ou daquela como estas nos são objetivamente apresentadas. A **estereotipagem** (uso da impressão padronizada do grupo para influenciar a percepção de um indivíduo), o **efeito halo** (deixar que uma característica do grupo encubra todas as demais características) e as **expectativas** ("ver" e "ouvir" o que se espera ver e ouvir e não o que realmente está acontecendo) são as distorções mais frequentes.

Num estudo mais detalhado das atitudes, podemos dizer que elas possuem três componentes básicos: *componente cognitivo*, que são os nossos pensamentos e crenças; *componente afetivo*, que são os nossos sentimentos e emoções; *componente comportamental*, que são as nossas tendências para reagir. De acordo com a Psicologia Social, somente quando esses três componentes se encontrarem perfeitamente inter-relacionados é que poderemos afirmar que uma atitude foi realmente formada.

Por que é difícil mudar atitudes e comportamentos? 1) Como a atitude é uma **intenção** e o comportamento uma **ação**, nem sempre os dois coincidem; 2) embora as tentativas de modificar "atitudes" assentem nos mesmos princípios de aprendizagem, é evidentemente muito mais difícil mudar ou esquecer "atitudes" do que aprendê-las; 3) ao buscarmos uma sensação de equilíbrio entre nossas crenças, fazemos uso da dissonância cognitiva, ou seja, reduzimos os nossos conflitos internos e não enfrentamos o problema como realmente deveria ser enfrentado.

Apesar de todos os empecilhos à mudança comportamental, os Espíritos superiores exortam-nos constantemente à prece, à leitura de mensagens e à reformulação do nosso modo de pensar, fatores essenciais para a manutenção de nossa fortaleza moral.

Fonte de Consulta

BOWDITCH, J. L. e BUONO, A. F. *Elementos de Comportamento Organizacional*. São Paulo, Pioneira, 1992.

KARDEC. A. *A Obsessão*. 3. Ed., São Paulo, O Clarim, 1978.

AÇÃO LIVRE

Um dos maiores problemas enfrentados pelo ser humano e também pela filosofia é a questão da liberdade e sua relação com a responsabilidade. Pergunta-se: O que se entende por uma ação livre? Todos os nossos atos são livres ou apenas alguns? No que se fundamenta uma ação livre? Elaborem alguns raciocínios sobre este assunto.

À pergunta, que é uma ação livre, responderíamos, de imediato, que uma ação é livre quando nada se lhe oferece obstáculo. Esta, porém, não é uma resposta convincente. De acordo com os escritos enciclopédicos, uma ação, para ser dita livre, é a ação pela qual o *agente* pode *responder*. Ser livre é poder agir no mundo numa determinada situação, o que implica a existência do sujeito *agente* em relação com o objeto *agido*.

Assim pensando, quando uma pessoa prejudica a outra, sem intenção de o fazer, ela não se sente responsável. Quando o faz intencionalmente, ela age de livre e espontânea vontade, devendo responder por isso. No mesmo móvel encontra-se a *desculpa*, que é uma forma indireta de ação livre, porque o sujeito que se desculpa é porque se reconhece responsável por aquilo que fez.

As três dimensões do tempo, passado, presente e futuro, equivalem, respectivamente na consciência, à memória, à percepção e à preocupação. Porque é livre, e não determinado, o ser humano se acha compelido a projetar a sua vida. Esta projeção diz respeito ao futuro, que é aonde o projeto de sua vida irá se realizar. Nesse sentido, vivemos a nossa vida antecipadamente em forma de projeto e somente depois é que ela se concretiza efetivamente como realização do projeto.

Um homem é tanto mais livre quanto mais responsável for. A liberdade é tanto maior quanto mais império da lei e da justiça houver. De acordo com São Tomás de Aquino "*a raiz última da liberdade é a razão*". Assim como o pensamento se realiza e se manifesta na palavra, a liberdade manifesta-se e realiza-se na ação. Dentro desse quadro de análise, não é possível, por exemplo, instaurar a liberdade implantando a tirania, promover a paz desencadeando a guerra.

Vimos que a liberdade tem íntima relação com a responsabilidade. Esforcemo-nos, assim, por descobrir verdades, porque quanto mais verdades descobrirmos mais livres seremos. Conseqüentemente, mais responsáveis.

Fonte de Consulta

POLIS - ENCICLOPÉDIA VERBO DA SOCIEDADE E DO ESTADO. São Paulo: Verbo, 1986.

18/10/2006

A AÇÃO HUMANA

A ação humana é a maneira específica da atividade humana, resultado de sua condição de ser livre. O ser humano *age*; o animal apenas *responde* ao seu mundo de acordo com o seu programa genético. Nem todas as "ações" são estritamente "ações". Exemplo: dormir, sonhar, digerir alimento são coisas que acontecem e nos afetam; não houve determinação do sujeito. A ação, propriamente dita, implica uma intenção, um acontecimento. Dançar, procriar e escolher alimento revelam uma intenção, que tem conseqüências, as quais podem ser previsíveis ou não.

Por ser livre, o ser humano é moral. A intenção de praticar um ato torna-o responsável pelas suas conseqüências. Contudo, nem sempre é livre para escolher o que lhe acontece, mas é seguramente livre para escolher a resposta ao que lhe acontece. Diferentemente dos animais, que apenas *respondem*, o ser humano tem que organizar o seu pensamento, avaliar situações e circunstâncias, pesar os prós e os contra e decidir-se por um comportamento, por uma atitude.

A ação humana é o resultado das crenças e dos valores morais adquiridos ao longo do tempo. Por isso, a ética e a moral. Embora os termos se confundam e se complementam, a moral diz respeito aos costumes, aos atos em si, enquanto a ética diz respeito à teoria, à especulação sobre a moral. Nesse sentido, há duas correntes de pensamento: para uns, os valores são relativos, ou seja, dependem de cada ser humano; para outros, eles são absolutos, pois independem de tempo e espaço.

Mudar o comportamento é uma intenção louvável do sujeito. A psicologia nos diz que todo o esforço que fizermos para mudar uma atitude terá como conseqüência um realinhamento de todo o nosso psiquismo. Talvez, de imediato, não o percebamos. A segunda natureza, como se costuma dizer, é um processo de longo alcance, que precisa de muita reflexão e execução para reestruturar o "eu" interior. Somente quando a conquista das virtudes for real é que podemos ser transparentes, expressando-nos livres de todas as idéias preconcebidas.

O ser humano deve agir segundo os princípios morais elevados, princípios esses que estão disseminados no espaço sideral. Cabe-lhe captá-los, tornando-os propriedade sua. Não basta conhecer; necessário se faz refletir sobre os princípios, fazendo-os penetrar em cada uma de suas ações. Jesus disse: "Que adianta o ser humano conquistar o mundo todo e perder a sua

alma?" Aos olhos de Deus, terá mais valor o homem simples e sincero, que cuida de sua alma, do que o filósofo soberbo que estuda os astros e se descuida de si mesmo.

Por trás da ação há o princípio da ação, ou seja, a intenção de realizá-la segundo certos valores morais. Cuidemos, assim, de edificar esses princípios, penetrando cada vez mais na moral evangélica ensinada por Jesus Cristo.

27/10/2006

INVOLUÍDO E EVOLVIDO

Pietro Ubaldi, filósofo italiano, escreveu diversos livros de cunho espiritual. Dentre as suas obras, a que mais se destacou foi a *Grande Síntese*. A linha mestra do seu pensamento baseia-se na oposição entre o homem involuído e o homem evolvido. Tencionamos, nessas linhas que se seguem, fazer uma reflexão sobre essa dinâmica do pensamento humano no sentido de extrair subsídios para uma mudança comportamental.

O par de termo involuído/evolvido nos dá idéia da dimensão espiritual do ser humano. O *involuído* caracteriza o homem ainda envolto com o mal, com o ódio e com a guerra. O *evolvido* especifica o homem no esforço da grande batalha, que é a prática do bem, do amor e da justiça. Essa dicotomia é importante, porque não podemos ficar no meio termo: somos justos ou não somos. É a questão da formação do caráter que nos diz que devemos agir sempre da mesma maneira nas mesmas circunstâncias.

O involuído está preso ao mal. Procura através da força, da guerra eliminar o mal que lhe tenham causado. Na realidade combate um mal com outro maior. Observe o Estado aplicando a pena de morte naquelas pessoas que cometeram crimes hediondos. Isso não leva a nada, pois a conseqüência é um nível maior de violência, visto que o fogo não se apaga com mais fogo, mas com água. O perdão é o único elemento que verdadeiramente elimina o mal. Sem ele, a humanidade está moralmente perdida.

Por que o perdão é o elemento fundamental da evolução do ser humano? Raciocinemos em termos da lei natural. De acordo com as instruções dos Espíritos superiores, a lei natural está gravada na consciência de cada um dos seres humanos. Ora, nós não precisamos usar a força contra aquele que nos causou dano, quer seja material ou moral; basta deixarmos tudo por contar dessa lei natural, que ela se encarregará de aplicar a justiça. O perdão não é apanágio das almas fracas; é a força dos grandes homens que acreditam em Deus e na sua justiça através do cumprimento de seus mandamentos.

A libertação do Espírito deve se basear na prática das virtudes. De nada adianta, após termos sofrido um mal, agravá-lo ainda mais com o nosso destempero emocional. É factível pensar que, se estamos encarnados neste mundo de provas e expiações, não somos seres angelicais. Contudo, nada nos

impede de envidar todos os esforços possíveis para colocar em prática os estímulos amorosos enviados pelos nossos benfeitores espirituais. Basta apenas que tenhamos olhos de ver e ouvidos de ouvir, tal como nos orienta a mensagem evangélica de Jesus.

Por pior a situação em que nos encontramos, devemos sempre serenar o nosso pensamento. Lembremo-nos de que as coisas nunca são como a nossa imaginação as pinta. É preciso muito tato para que, depois de ter feito a vontade a Deus, aceitar as injunções do destino.

Fevereiro/2003

MEDO E MOTIVAÇÃO

A Psicologia tem catalogado muitas informações a respeito da conduta humana. A premissa básica de suas pesquisas refere-se a um estudo pormenorizado das escolhas feitas pelos indivíduos, quer estejam ou não sob o impulso do medo. Para corroborar algumas de suas hipóteses, os psicólogos valem-se dos reflexos condicionados observados nos animais, na esperança de que estudando os seus sentimentos de culpa, de ansiedade e de medo, possam tirar conclusões úteis à melhor compreensão dos seres humanos.

O medo, por exemplo, foi pesquisado entre os ratos. O experimento consistia em colocar ratos numa sala clara, aplicando-lhes um choque elétrico; depois, colocavam-nos numa sala escura, sem o referido estímulo. No primeiro momento, eles renegaram a sala branca e escolheram a escura. Depois de algum tempo, parece que não ligaram mais para o choque elétrico e voltaram para a sala branca. Conclusão: eles somatizaram o efeito inibidor da dor. O nó da questão está em transferir essas conclusões para aplicá-las no ser humano, que possui a linguagem e razão.

Na antiguidade, o medo não era tão intenso quanto nos dias que correm. Sócrates, Platão e Aristóteles, pensadores da Grécia Clássica, davam um outro colorido ao pensamento e à motivação humana. Eles referiam-se à própria vocação do ser humano. Afirmavam que cada indivíduo tinha uma missão e a ela se dedicava totalmente. As pessoas não ficavam perambulando de um lado para o outro, para definir o seu papel na vida: cada qual era o construtor do seu próprio destino e, por isso, não tinham medo.

Atualmente, somos obrigados a conviver com o medo e com a ansiedade. Como o tempo e o dinheiro nunca são suficientes, estamos sempre correndo para cá e para lá em busca da racionalidade e da produtividade, sem percebermos que quanto mais corremos, mais estamos sendo lançados na grande irracionalidade da vida. O produzir por produzir cria em nós muita ansiedade. Não paramos mais para observar as flores e a natureza. Estamos apenas preocupados em estarmos ocupados, presos a algum compromisso, seja de que espécie for.

O conflito entre medo e motivação deve ser resolvido pela ação da vontade. Muitas vezes somos bafejados por uma idéia brilhante, genial e inovadora. Contudo, logo a seguir vem o negativismo, principalmente porque damos mais importância à nossa fraqueza (humana) do que à fortaleza que vem de Deus. Mas, quando centralizamos os nossos desejos e as nossas forças nesse fim maior, que é atender à Vontade do Criador, a nossa mente fica povoada de pensamentos robustos e recobramos novamente o nosso vigor físico, intelectual e moral.

Se a nossa consciência nos indicar que o caminho que estivermos percorrendo é aquele que devíamos percorrer, prossigamos, pois recuar no momento do combate é perder todos os frutos da preparação anterior.

Fonte de Consulta

SAWREY, J. M. e TELFORD, C. W. *Psicologia do Ajustamento*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1974.

Abril/2004

MUDANÇA COMPORTAMENTAL

A cada momento do dia estamos sujeitos a inúmeros focos de irritação: é o vizinho que faz barulho até altas horas da noite; o colega de trabalho que vai à reunião e não desliga o seu celular; a pessoa que nos pede algo emprestado e nunca mais devolve. Como convivemos com essas situações? Estamos sempre estressados ou não ligamos para esses acontecimentos?

Comportamento. "Porto", em latim, significa levar. Em português passou a forma reflexiva: portar-se. O prefixo "com" denota um modo global de levar-se, portar-se. É o conjunto organizado das operações selecionadas em função das informações recebidas do ambiente através das quais o indivíduo integra as suas tendências. Em sentido mais geral designa a mudança, o movimento ou a reação de qualquer entidade ou sistema em relação a seu ambiente ou situação. **Mudar** significa tornar-se diferente do que era, física e moralmente.

As nossas encarnações passadas constituem o nosso passivo espiritual. É aí que estão registrados os nossos hábitos e automatismos, tanto para bem como para mal. A cada nova encarnação o Espírito utiliza-se desses dados para se expressar. A isso denominamos tendência, ou seja, as disposições de cada um de nós frente a vida. Pavlov, ao estudar os reflexos, denominou-os de reflexo inato e reflexo condicionado. Por reflexo inato entende-se uma resposta espontânea da espécie; por reflexo condicionado, uma resposta adquirida.

As nossas tendências podem dirigir-se para o vício ou para a virtude. É sumamente importante refletir sobre elas, ou seja, tomarmos consciência do nosso pensar, do nosso sentir e do nosso agir. Assim procedendo, vamos nos conhecendo melhor e observando a nossa própria conduta no seio da

sociedade. É o que fazia Santo Agostinho, quando se avizinhava o sono noturno: repassava o seu dia para verificar como fora em pensamento, palavras e atos, no sentido de perceber algum mal que tivesse praticado em relação ao seu próximo.

A mudança do comportamento, mais especificamente o vicioso, não é tarefa fácil. Por que? É que todo o esforço para vencer os condicionamentos acabam por formar novos condicionamentos. Observe o indivíduo que quer parar de fumar. Para isso, ele começa a chupar bala; depois, não consegue para de chupar bala. Além do mais, a mudança exige um esforço hercúleo para não violentar o nosso eu. É que influenciado pelo que nos falam, não percebemos que o que importa é o crescimento do Espírito, as qualidades intrínsecas que vamos lhes acrescentando, o que naturalmente irá expulsar os vícios, pois eles não mais farão parte de nossos automatismos.

Empenhemo-nos na autoconsciência. Quem sabe se essa busca de nós mesmos não seja o principal estímulo de nossa evolução espiritual, das mudanças para o bem que o nosso Espírito imortal almeja?

Março/2002

OBSERVAÇÃO E AUTO-OBSERVAÇÃO

Os limites da observação e auto-observação devem ser analisados em função do tempo, que no seu sentido objetivo flui uniformemente. Mas, e o sentido subjetivo? Quem melhor tratou a questão foi o Padre da Igreja, Santo Agostinho, que no 11º livro das suas *Confissões* escreve: "*Quid est ergo "tempus"? Si nemo ex me quaerat, scio; si quaerenti expliare velim, nescio.*" (O que é afinal o "tempo"? se ninguém me pergunta, sei; se quero explicar a quem me pergunta, não sei). Quer dizer, devemos esquecer de definir o tempo e procurar ver como é que o homem chega ao tempo.

Para entendermos como o homem chega ao tempo, devemos valer-nos das **janelas da simultaneidade e da não simultaneidade**, às quais mostramos como podemos dizer que um acontecimento é um acontecimento. Experiências realizadas com os ouvidos, o tato e os olhos indicam que há um hiato de tempo entre o acontecimento e a percepção por esses órgãos de sentido. O ouvido leva de 2 a 5 milésimos de segundos, o tato, 10 e os olhos, 30. Além disso, há um tempo ainda maior para a perfeita identificação do acontecimento. Por exemplo, colocando-se um auscultador nos ouvidos de uma pessoa e emitindo som ora num ouvido e ora no outro, observou-se que a pessoa levou até 30 milésimos de segundos para a correta confirmação do som, em cada um dos ouvidos.

Outra experiência veiculada diz respeito à leitura. Pedindo-se para uma pessoa descrever o ato de ler, ela dirá que os olhos deslizam suavemente pela linha. Contudo, os olhos não deslizam suavemente, mas aos saltos. Aqui ocorre uma "ilusão temporal" ao contrário da "ilusão ótica", ou seja, embora os olhos

caminhem aos saltos, temos a impressão de que ele desliza. Quer dizer, não percebemos os limites da velocidade dos olhos. Se alguém nos disser que é dessa maneira que a leitura ocorre, podemos até percebê-la dessa forma, porém, aí já não é leitura normal mas observação.

De acordo com essas informações, devemos analisar os fatos criticamente, porque tudo o que parece verdadeiro, pode não o ser. A melhor forma de agir é contra argumentar, buscando sempre a verdade que pode estar além do meramente ocorrido. É somente com essa postura que podemos intuir algo de mais concreto no campo do espírito. Ainda assim, mesmo que tenhamos posse dessas verdades, convém exercitar a humildade, pois são muitas as coisas que os limites de nossa observação não nos deixam ver.

Tenhamos olhos para ver e ouvidos para ouvir. Não nos deixemos enganar pelas ilusões do momento que passa. Procuremos, sim, o acrisolamento do nosso olhar crítico, para que possamos observar os fatos com a maior imparcialidade possível.

Fonte de Consulta

PÖPPEL, E. *Fronteiras da Consciência: da Realidade e da Experiência do Mundo*. Lisboa, Edições 70, 1989.

Julho/1997

O ÓCIO É O PAI DE TODOS OS VÍCIOS?

A palavra ócio, como tantas outras, teve uma mudança substancial ao longo do tempo. Na Antiguidade o *otium* era o contrário de negócio (*nec-otium*). Resumia as atividades dedicadas ao tempo livre, de criatividade do espírito, isento de todas as pressões, que observamos em nosso dia-a-dia.

Com a vinda da industrialização, esperava-se que o ser humano pudesse desfrutar de mais tempo livre, pois as máquinas lhe poupariam o trabalho repetitivo. Mas o que se viu foi o contrário, ou seja, o homem entregue à correria e ao estresse, sem tempo para o cultivo de sua vida interior.

Paul Lafargue (*O Direito ao Ócio*) e Bertrand Russell (*O Elogio ao Ócio*) foram os dois principais pensadores que refletiram sobre a utilidade do ócio. Lafargue em 1880 e Russell 50 anos mais tarde procuram criticar a corrida aos negócios, tanto do Estado quanto da iniciativa privada.

Os Estados Unidos e o Japão foram os dois principais países que imprimiram um ritmo frenético ao trabalho, especificamente na busca das economias de escala. Querem produzir o máximo com o mínimo de esforços. Nota-se, contudo, que nos Estados Unidos a população carcerária quase que dobrou em

pouco mais de 10 anos. A maioria dos presos são pessoas que estavam desempregadas. Os Estados Unidos aumentaram o produto, mas não souberam distribuir os ganhos de produtividade.

A *New Economy*, que dá ênfase à produção de idéias, deveria melhorar a distribuição do tempo livre. Não o fez a contento. A "observação inativa das hábeis atividades dos outros" parece ser o que mais as pessoas fazem. As pessoas que ficam muito tempo em frente à Televisão acabam nesse estado de passividade ativa. Vemos um jogo de futebol, mas não praticamos o exercício físico.

O exercício de escrever e produzir idéias é uma forma de elucidar a questão do ócio criativo. Às vezes a pessoa está no seu quarto, sem nada o que fazer, mas está receptivo às forças do alto. Esta pessoa, contudo, é vista por outro da seguinte forma: fraco, negligente, irresponsável, vagabundo indolente e preguiçoso. Contudo, para que alguém produza algo de valor é necessário que ele se dedique tempo integral à sua tarefa.

Pergunta-se: o que é mais produtivo para a sociedade? Empenhar-se num negócio que vai dar errado ou promover festas para a população? Uma festa aumenta o emprego, pois se oferece serviço para o açougueiro, para o doceiro, para o padeiro etc. Aquele que se aplicou num negócio fraco e pouco lucrativo deu prejuízo para os seus sócios, além de propiciar o desemprego a muitos trabalhadores.

O ócio não é o pai de todos os vícios. O tempo livre sempre foi considerado menos útil, menos importante, menos ético e menos complexo do que o trabalho, de modo que todos os esforços educacionais sempre foram concentrados neste último. É preciso reconduzi-lo ao seu sentido original.

Junho/2005

ORDEM E DESORDEM

Ordem é a relação entre as partes de um todo, deste com as partes, e destas entre si. Implica multiplicidade de elementos, que mantêm relação entre si, e segundo o *logos* (razão) dessa relação são eles dispostos. A ordem diz respeito ao princípio, à origem de onde ele surge, que é a *normal*, em suma, que subordina, afinal, os seus elementos. A **desordem** é apenas a visualização dos fatos não dispostos, segundo uma ordem, uma relação das partes com o todo.

Ao nos depararmos com a multiplicidade das coisas, procuramos dar-lhes um nexos, uma ordem, uma unidade, classificando-as, juntando-as de tal modo que possam apresentar alguma coerência para nós. Por exemplo, o empilhamento de livros de acordo com a altura é uma forma de ordená-los, porque segue uma

unidade (altura do livro). Contudo, empilhá-los de acordo com o título ou mesmo o autor pode ser mais racional e ordenado, porque facilita a procura do mesmo. Desta forma, a desordem só existe sob o juízo de valor do observador. Uma tempestade pode ser considerada desordem, porque ainda não conseguimos captar a ordem física de tal fenômeno da natureza.

Em vista da complexidade do mundo que nos envolve, a ordem na **vida social** é solicitada a todo o momento. Se não houvesse uma ordem, uma direção, um projeto, um objetivo, em suma, uma **unidade**, os nossos esforços permaneceriam dispersos, caóticos, confusos. Por isso, a razão do provérbio: "Por que perambulas procurando tantas coisas? Procure uma só, onde estão as demais, e deixarás de perambular". Se procurarmos, fervorosamente, Deus em primeiro lugar, partiremos de uma unidade sólida, aonde tudo o mais vai se ajustando conforme essa vontade maior e mais sublime do que a nossa.

Imaginemos uma empresa (pequena, média, estatal...) em que o sistema de controle vai ficando cada vez mais complexo. Se não houver uma idéia mãe, uma idéia central, uma idéia diretriz, o relacionamento entre as partes e todo pode se tornar ineficiente. Além disso, deve-se também ter a anuência dos funcionários para que forme um todo coeso com o chefe, com o diretor, com o ordenador. Em outras palavras, é preciso que o funcionário vista a camisa da empresa.

Observemos a ordem dos pensamentos quando as pessoas falam em público. Parece-nos que o bom orador desenvolve as suas idéias com nexos, onde um assunto puxa o outro para dar brilho, polidez e harmonia ao discurso. E o preparo da peça oratória? Será que obedeceu à ordem das palavras proferidas? Geralmente acontece ao contrário, ou seja, os pensamentos são inicialmente confusos, caóticos e irracionais; somente depois de muitas idas e vindas é que o tema toma corpo, robustece-se e cria imagens sólidas, que podem ser passadas ao público com desenvoltura e sobriedade.

Havendo ordem, o trabalho é facilitado sobremaneira. Quando as coisas estão no devido lugar, a organização funciona sem muitos atritos, pois ao procurar uma coisa, saberemos exatamente onde ela se encontra.

Fonte de Consulta

POLIS - ENCICLOPÉDIA VERBO DA SOCIEDADE E DO ESTADO. São Paulo: Verbo, 1986.

Setembro/2003

PERSONALIDADE: MOTIVAÇÃO E TENSÃO

A tradição lockeana, em que *nihil est in intellectu quod non fuerit in sensu* (nada pode estar no intelecto que antes não tivesse passado pelos sentidos), e a contrapartida leibniziana, em que o intelecto era perpetuamente ativo em si mesmo, voltado para a solução de problemas racionais, fundamentam esta nossa análise do desenvolvimento da personalidade, quando refletida sob a ótica do par motivação-tensão.

De acordo com a teoria lockeana, que preconiza a reação do intelecto aos estímulos externos, a motivação é encarada como um estado de tensão que nos impele a procurar o equilíbrio, repouso, ajustamento ou homeostase. Deste ponto de vista, a **personalidade** nada mais é do que o nosso modo habitual de reduzir tensão. Quer dizer, não nos arriscamos nada além do equilíbrio da tensão e motivação. Em outras palavras, reduzimos ao máximo o nosso sofrimento.

De acordo com teoria contrária (leibniziana), a fórmula acima citada, aplicável em alguns ajustamentos particulares, é inteiramente incapaz de representar a natureza dos esforços do eu. A tensão é mantida e não reduzida. Nesse caso, a personalidade se molda quando o indivíduo busca novos desafios, depois de ter vencido os antecedentes. É o anseio natural do ser humano por novas experiências e novos conhecimentos.

Os dados biográficos, dos grandes vultos da humanidade, dão respaldo à teoria leibniziana, pois notamos que quanto mais aumentavam as dificuldades (tensões) para eles, mais se empenhavam no objetivo a ser atingido. Nesse mister, observe a figura de Paulo de Tarso: ele abandonou a vida política e os familiares, humilhou-se no trabalho do tear, conviveu com a pobreza, o desprezo, as prisões e toda a sorte de sofrimentos. Tinha um único objetivo em mente: divulgar ensinamentos evangélicos de Jesus Cristo aos povos gentios.

A personalidade é um processo e nunca está acabada. É por isso que na sua auto-realização o ser humano projeta-se sempre a novos riscos e desafios, em que acaba tendo sempre mais tensão. Mas por que faz isso? Não seria mais fácil abandonar o intento e acomodar-se ao menor esforço? É que o desenvolvimento da personalidade exige a variedade, a contrariedade, a busca do desconhecido. Assim sendo, o indivíduo aplica-se com denodo nesse empreendimento, porque, no fundo, espera alguma recompensa futura.

Empenhemo-nos com afinco naquilo que julgarmos útil ao nosso crescimento pessoal. A felicidade reside em vencer os obstáculos do caminho.

Fonte de Consulta

ALLPORT, G. W. *Desenvolvimento da Personalidade – Considerações Básicas para uma Psicologia da Personalidade*. São Paulo, Herder, 1962.

Outubro/2001

O PROBLEMA E A SUA SOLUÇÃO

O **problema** pode se descrito como uma situação de tensão sentida pela matéria viva, cada vez que um de seus afetos não encontra meio de extinção imediato ou manifesto. Diante deste conceito, os seres inanimados não teriam problema, pois não sentem este tipo de tensão. Na acepção corrente, podemos dizer que o problema é um incômodo, uma contrariedade, um mal-estar, uma oposição ao nosso pensar. Lembremo-nos também de que o problema só é realmente válido quando o sentimos em nossa própria pele. Por isso, ficar imaginando situações ou respostas que vamos dar àqueles que nos perguntarem, é perda de tempo e de energia vital.

Para que um problema se torne real, convém, primeiramente, desestruturá-lo de nós mesmos. Para isso devemos organizar uma ficha do problema, tentando responder algumas perguntas. Quem nos trouxe o problema? Por que a nós? Qual o status hierárquico dessa pessoa? Para qual finalidade? Uma vez recebido o problema, verificar se somos nós mesmos que devemos dar a resposta, se não há outra pessoa, inclusive mais capacitada do que nós. É preciso também ponderar se ele é inerente à alçada de nossa função ou da função de outro membro da empresa ou entidade em que estivermos ligados. Isso tudo se chama mapeamento do problema.

Os psicólogos, os sociólogos e outros profissionais afins desenvolveram teorias sobre o comportamento humano baseando-se nos resultados de suas pesquisas de campo. Eles descobriram que num grupo há sempre atitudes negativas e conformistas. Para eles, o negativo se expressa por uma reação ao novo. As pessoas dizem: isso não vai dar certo; vai muito além de nossa capacidade; não estamos preparados para tal investimento. No que tange ao conformismo, dizem que precisamos de uma boa dose, pois se não houver adesão dos membros de um grupo, nenhum projeto será realizado a contento.

Para a resolução dos problemas, sugere-se a formação dos "grupos *problem-solving*", em que o número ideal de participantes deveria oscilar entre 6 e 8 pessoas. Em cada grupo, logicamente haverá um líder. Este, desempenhando a função de coordenador, deve ser uma pessoa capaz de saber ouvir e incentivar todos os membros a expressarem as suas opiniões, pois quando alguém se cala por falta de oportunidade, ele acaba por distanciar-se do grupo e nunca mais voltar. É preferível que o líder seja empático ao invés de simpático. O empático sente como, isto é, identifica-se com o próximo; o simpático sente com, ou seja, atribui a outros afetos que lhe são próprios .

Para o bom encaminhamento do problema o sujeito deve ser criativo. Por criativo, entende-se a pessoa que é aberta ao novo, que se coloca como ouvinte, que é perspicaz e que sabe distribuir as tarefas para que todos se sintam como co-produtores da idéia. Ele não se coloca à frente dos outros para mandar, mas para ordenar o trabalho dos indivíduos no sentido de atingir um fim comum, proposto pelo próprio grupo. Se fizer o contrário, se agir exclusivamente de acordo com a sua cabeça, dificultará a livre coesão das pessoas envolvidas no processo.

Enfrentemos os bloqueios que a circunstância nos apresenta. Somente assim caminharemos para a plena execução dos deveres que a divindade nos reservou. Perseveremos e esperemos por dias melhores.

Novembro/2002

QUÍMICA DA FELICIDADE

A química da felicidade é sentir-se bem, mesmo sem uma boa razão. Por quê? Como sociedade, as nossas responsabilidades com a vida cotidiana tendem a ser negativas, ao invés de positivas. Observe o noticiário da mídia: morte, seqüestro e guerra; além destes, a grande inutilidade da maioria programas televisivos; e para completar, os filmes de violência. A Psicologia informa-nos de que o nosso subconsciente registra todas as cenas, quer sejam verdadeiras ou fictícias. Para ele, tudo é verdadeiro. Por isso, o cuidado na escolha do que irá povoar a nossa mente.

Os relacionamentos são o ponto de partida para a nossa felicidade. Há relacionamentos que somos obrigados a suportar, quer sejam bons ou ruins: são os contatos com os nossos familiares. Contudo, há outros que podem ser desfeitos. É o caso, por exemplo, de termos sob nossa supervisão funcionários relapsos, que nos trazem problemas, deixando-nos na mão quando mais deles precisarmos. Estes podem ser substituídos por outros que, além de serem otimistas, acrescentam valor ao produto.

Passamos, a maior parte do nosso tempo, remoendo o passado ou temendo o futuro. É impossível nos libertar de nossa memória, mas se ela estiver atrapalhando o bom desempenho das nossas ações no presente, ela deverá ser revista. Se o remorso de um erro cometido no passado gasta muitas horas do nosso dia, não nos sobra tempo de repará-lo eficientemente. Do mesmo modo é a apreensão sobre o que há de vir. A concentração acaba provocando a ação. Nesse sentido, o provérbio "prepare-se para o pior e espere o melhor" não é verdadeiro. Se nos prepararmos para o pior, o nosso pensamento se concentrará nisso e acabará o atraindo para nós. A regra deve ser: "vivamos intensamente o momento que passa".

Problemas? Dificuldades? Quem não os têm? Qual é a melhor atitude a tomar? Um problema não pode ser colocado debaixo do tapete, como fazemos com o lixo de casa, pois ao avolumar-se, poderemos tropeçar nele e acabar nos machucando. Ele deve ser enfrentado tão logo surja. Mas há problemas e dificuldades que se repetem indefinidamente. Estes, com certeza, devem ser banidos do nosso foco de atenção. Pois aquilo que se perpetua pode ser a influência menos feliz de alguma entidade espiritual ou a nossa imaginação mórbida.

A felicidade requer tempo para meditação e reflexão. É aquele momento sagrado que todo o ser humano deveria reservar para si mesmo. Nesse mister, convém nos retirarmos do mundo exterior e debruçarmo-nos sobre o nosso

interior. Seria como Santo Agostinho fazia todas as noites: repassava o dia para ver como fora em pensamentos, palavra e atos. Voltando para dentro de nós mesmos, podemos tomar consciência tanto de nossas fraquezas como de nossas potencialidades. É nesse clima de interioridade que podemos solicitar forças para suplantar as nossas limitações.

Forjemos a nossa felicidade. Não esperemos circunstâncias exteriores favoráveis. Todo o momento é momento de vivenciá-la, pois ela depende de como estamos interpretando o mundo que nos rodeia.

Janeiro/2004

RECOMPENSA E CASTIGO

Recompensa e castigo estão implícitos em cada uma de nossas ações. Toda ação boa, por ser coerente consigo mesma, traz em si a sua própria recompensa. Quer dizer, ela não se expressa em conflito. Toda ação má, por não ser coerente consigo mesma, entra em conflito e tem o seu castigo. O conflito que a ação má provoca nem sempre é resolvido imediatamente: pode levar dias, meses, anos. Observe o ato de fumar: às vezes, somente depois de 10, 20 ou mais anos, vamos notar os prejuízos desse vício em nossa saúde.

Os Antigos filósofos e os primeiros cristãos falavam de um bem e de um mal coletivos. O indivíduo, segundo eles, não respondia somente por si mesmo, mas por uma coletividade. Hoje, com o solipsismo de Descartes e a monadologia de Leibniz enfatizamos o eu, esquecendo-nos de que fazemos parte de um todo. Tudo isso dificulta a aceitação de dificuldades, de doenças e de problemas que não entendemos o desfecho. O stress em nossa vida diária, muitas vezes, é consequência desse modo de pensar.

Como a coerência nem sempre é imediata e o Castigo ou Recompensa vêm muito tempo depois, é preciso instituir o Estado e a Lei do Estado. Se um indivíduo não sabe que sua ação algum tempo depois vai entrar em conflito, é necessário que alguém o lembre agora. Esse alguém é o Estado. Assim, o Estado é um Universal Concreto no qual o Dever-Ser da Ética dos muitos homens individuais é elevado ao Estatuto de um Dever-Ser Coletivo, externo e superior aos homens individuais, no qual a vontade de cada um se funde com a vontade de todos os outros numa Vontade Geral.

O bem existe sob muitas formas ou, como os gregos diziam, sob a forma de muitas virtudes. Virtudes são para os gregos, por exemplo, a Sabedoria, a Coragem, a Temperança, a Justiça etc. dentre essas virtudes uma assume papel impar, isto é, a justiça. Mas o que é a justiça? Platão falava de uma virtude que estava no fundo de todas as outras virtudes, mas não deu uma definição precisa. Os romanos falavam de um *Suum cuique*, ou seja, a justiça é dar a cada um o que a ele compete. De qualquer maneira a justiça é muito rica e muito ampla, pois todos os homens são iguais perante a Lei.

A interpretação de que todos os homens são iguais perante a Lei, leva-nos à Grande Tentação de regular a justiça por baixo, ou seja, pela pobreza. É daí que surgem as comunidades dos primeiros cristãos, os monges que habitavam no deserto, o voto de pobreza das grandes ordens religiosas da Idade Média, o socialismo de Proudhon, o comunismo de Marx etc. Esquecem-se de que o pobre quer ficar rico. Lembremo-nos de que a pobreza é um mal social — resultado de ações eticamente perversas — e não uma virtude.

Procuremos sempre fazer o bem pelo bem, tendo em mente que qualquer desvio da Lei Natural, sofreremos inevitavelmente as suas conseqüências, quer nesta ou em outras existências.

Fonte de Consulta

CIRNE-LIMA, C. Dialética para Principiantes. 2. ed., Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

Outubro/1998

REEDUCAÇÃO

A **repetição** de determinados atos faz-nos estabelecer horário para muitas coisas: levantar da cama, tomar o café matinal, ir ao trabalho, voltar para casa, jantar com a família etc. Este fato traz-nos duas conseqüências: 1.^a) *positiva* – a repetição cria uma espécie de couraça, que nos força a fazer aquele ato mesmo contra a vontade; 2.^a) *negativa* – a repetição automatiza muitos dos nossos atos e não nos deixa abertura para uma mudança qualitativa de nossa vida. Por isso, faz-se necessário um esforço de reeducação, em todos os sentidos.

Reeducação do pensamento. Diz-se freqüentemente que somos o resultado do que pensamos. Para que tenhamos um pensamento grande, temos de pensar grande. Nesse sentido, muitos livros que tratam do poder do pensamento positivo, estimulam-nos a pensar de modo macro, de modo global. Alguns autores chegam até a afirmar: "Pense globalmente, aja localmente". Contudo, para ficarmos imersos nesse teor de pensamento, temos que aprender as técnicas de *concentração* e *focalização* do pensamento, as quais exigem a renúncia de coisas menos prioritárias.

Reeducação alimentar. Compulsando o livro *Faça do Alimento o seu Medicamento*, da Dr^a Joicelem Mastrodi Salgado, verificamos o quão distantes estamos de praticar a alimentação correta. Nesse livro, relembramos que o *alho* previne diversas doenças, que o *tomate*, em virtude do licopeno (uma de suas principais substâncias), pode reduzir pela metade os casos de câncer de próstata. A professora Joicelem dá-nos uma medida para vigiar o peso. A

fórmula é: **IMC = peso / altura x altura**. O peso normal deve situar-se entre 18,5 e 25. Para mais, excesso de peso; para menos, peso deficiente.

Reeducação física. O automóvel, a televisão e o computador, entre outras invenções da vida moderna, tornaram o homem sedentário. O sedentarismo acaba criando uma série de doenças, principalmente aquelas ligadas ao excesso de peso e problemas cardíacos. Os chineses, através de sua arte milenar, estão sempre nos ensinando a combinação perfeita entre os movimentos físicos, o relaxamento e respiração. Se, a cada dia que passa, pudéssemos dispor de alguns minutos para tal atividade, melhoráramos muito a nossa saúde física e mental.

Reeducação visual, verbal e auditiva. A que programas assistir? Que livros ler? Que conversas ouvir? Estarmos focados em nosso interior, em nosso projeto de vida não é tarefa fácil. Os estímulos externos – apelo ao vício e ao prazer – são constantes. Pergunta-se: estamos filtrando o tipo de informação que chega aos nossos olhos e ouvidos? Estamos passando ao próximo somente aquilo que o possa auxiliar no seu crescimento espiritual? A resposta a essas perguntas deixa sempre a desejar, pois ainda não aprendemos a ser líder de nós mesmos.

Refletamos serenamente sobre todas as informações que visitam o nosso cérebro. Não permitamos que o ódio e outras emoções menos felizes possam atrapalhar os vãos de nosso pensamento aos parâmetros da luz celestial.

Janeiro/2005

RELACIONAMENTOS

Relacionamento é uma palavra que tem muitos significados. Poder-se-ia falar da relação pai-filho, da relação governo-sociedade, da relação entre o ser e a natureza. Poder-se-ia, também, penetrar no campo dos relacionamentos interexistenciais, em que a mediunidade surge como força avassaladora. Dentre essa gama enorme, trataremos apenas do relacionamento com o "eu", com as idéias e o pensamento, com a natureza e com os outros.

Relacionamento com o eu. Quem é o eu? É o corpo ou o Espírito? Observe que, à semelhança do conceito de tempo, parece que sabemos o que é o eu, mas quando nos perguntam, temos dificuldade em responder ou dar uma resposta satisfatória. Por exemplo, como se expressa o nosso eu? Autenticamente? Ou através dos paradigmas e dos preconceitos adquiridos ao longo do tempo? Será que o eu é sincero com ele mesmo? Não estamos muito mais propensos a agradar aos outros do que a nós mesmos?

Relacionamento com as idéias. As idéias são as molas propulsoras do pensamento. Há idéias próprias e adventícias. As idéias próprias são aquelas alicerçadas numa reflexão constante, num trabalho árduo para bem conduzir o pensamento na busca da verdade; as idéias adventícias são de segunda

grandeza, são idéias exteriores, úteis em determinadas circunstâncias, mas nem sempre essenciais ao nosso desenvolvimento espiritual. De qualquer maneira, quer sejam próprias ou adventícias, são elas que nos fazem relacionar com a realidade.

Relacionamento com a natureza. Estamos preservando a natureza ou poluindo-a cada vez mais? Preocupamo-nos com a coleta seletiva de lixo? Estamos deixando alguma área de terra em nosso quintal para a penetração da água da chuva? Até que ponto somos os causadores do efeito estufa? Os maremotos e outras catástrofes naturais são conseqüência da ação desenfreada da humanidade? É preciso preservar a natureza, pois é ela que irá nos fornecer não só o aconchego para o nosso lar como também toda a alimentação de que precisamos para a nossa sobrevivência.

Relacionamento com os outros. Para que possamos nos relacionar bem com os outros, convém verificar se já conseguimos nos relacionar bem conosco mesmos, com as idéias e com a natureza. Somente depois de um perfeito entendimento desses temas, teremos mais condições de nos relacionarmos bem com os outros, porque estes nada mais são do que uma extensão de nós mesmos, visto que todos pertencemos à raça humana.

O relacionamento está em tudo. Saibamos, pois, compreender bem esse termo, pois sempre precisaremos dos outros para a nossa vivência.

Outubro/2005

O SEGREDO

O *Segredo* é o título da teoria e prática desenvolvida pela australiana Rhonda Byrne, de 55 anos. Com 50 anos, sem marido, as filhas crescidas e seu negócio (produzir séries para a TV australiana) afundado em dívidas, teve um insight ao ler, por acaso, o livro *A Ciência de Enriquecer*, publicado em 1910. Disse: "Incrédula, me perguntei: como é possível que isso não esteja ao alcance de todas as pessoas? Fui consumida por um premente desejo de dividir *O Segredo* com o mundo".

Para fundamentar o seu desejo, buscou na história da religião e da filosofia respaldo para as suas idéias. Há citações de Buda, Jesus, Emerson e tantos outros. Em termos operacionais, leu "centenas" de livros e artigos que tratam do pensamento positivo. Depois, foi ao encontro dos luminares da área "melhore já a sua vida", nos Estados Unidos. Cada um deles deu o seu depoimento num vídeo sobre a *lei da atração*, lei esta com tinturas de "ciência quântica". Se Heisenberg fala da incerteza, nós falamos da certeza.

O livro, o DVD e o filme tratam de um único tema, ou seja, a lei de atração. É uma espécie de lavagem cerebral, em que verdades são misturadas com meias verdades, no sentido de enganar a mente menos avisada. O *Segredo* ensina a barganhar com o universo. Para tanto, busca respaldo na sabedoria religiosa. Cita, por exemplo, um aforismo de Buda: "Tudo o que somos é resultado do que pensamos", mas nada fala do desapego às coisas

materiais explicitadas pelo budismo. Com relação a Jesus, lembra a frase: "Tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis". Transforma Buda e Jesus em gurus do pensamento positivo.

Do começo ao fim do filme, há uma tese central, a lei de atração, vista sob diversos ângulos: há apelo ao ganho monetário, ao êxito, à cura de uma doença, ao perfeito relacionamento entre os seres humanos. Basta que você pense em algo que aquilo se expande. Por isso, é proibido pensar negativamente, tem que pensar sempre positivamente. Há o caso da mulher que tinha detectado um câncer no seio. Não lhe deu atenção, reagiu como se não tivesse o câncer. Resultado: o câncer foi curado.

Como interpretar a lei da atração, evocada constantemente no filme, com a lei de ação e reação, veiculada pela Doutrina Espírita? De acordo com o Espiritismo, as causas do sofrimento na vida presente podem estar tanto no passado recente como num passado longínquo (encarnações passadas). Se, para o ressarcimento da dívida, o ser humano tem que viver na pobreza, por mais que ele tente ser rico não o conseguirá tão facilmente, dada a sua necessidade de progresso espiritual. O pensamento mágico cai por terra.

Façamos uma comparação entre o "cientificismo" individualista do pensamento mágico – se eu enriqueci, você também pode – e a filosofia dos antigos. A moral primitiva implicava a regulamentação do comportamento de cada um de acordo com os interesses da coletividade. O indivíduo era mero suporte, auxiliar na concretização dos objetivos do grupo. Além disso, como se explica o voto de pobreza de um Francisco de Assis? De uma Tereza de Calcutá?

Saibamos separar o joio do trigo. Não nos deixemos guiar pela palavra fácil, pelo discurso cômodo, pelos efeitos especiais da imagem cinematográfica. A verdade está no fundo e poucos estão interessados em descobri-la.

4/4/2007

SEGUIR O OBJETO

O objeto deve ser entendido como um propósito lúdico e altruísta. Envolve o grau máximo de impessoalidade na ação executada. É aquela atividade que não visa interesses pessoais nem de grupos específicos, mas atém-se, exclusivamente, na obtenção do bem comum.

Todos os grandes homens da história tiveram que alçar vôo através das oposições que enfrentaram. Nesse sentido, as idéias contrárias são extremamente úteis para o nosso crescimento moral e intelectual, pois mesmo nos trazendo problemas, desgastes e preocupações, elas obrigam os nossos opositores a pensar sobre o assunto. Por isso, convém, depois de expor alguma idéia nova, esperar que a mesma possa medrar naturalmente na mente daqueles que estão envolvidas com o assunto.

Ao seguir o objeto, que é o dever proposto por nós mesmos, convém nos lembrarmos dos mártires da fé, daquelas pessoas que longe da luta heróica das grandes batalhas da guerra ou das discussões calorosas da ciência, ficam presas ao sofrimento, à inquietude e aos perigos da inutilidade de sua vida. Quantos não foram os homens que, para serem fiéis à sua própria consciência, não passam fome, frio e sede, parecendo seres estranhos à pessoas de sucesso.

Quando seguimos o objeto, precisamos distinguir "quem" do "que". "Quem" refere-se à pessoa; implica em personalismo, vaidade, orgulho e egoísmo. "Que" refere-se à coisa, ao fato em si; implica em produção desinteressada. Agindo com a mente altruísta na busca da transcendência do espírito, estaremos nos libertando dos grilhões da matéria, do personalismo e introduzindo-nos no todo da vida, na vontade divina, nos anseios de Jesus para com a libertação de toda a raça humana.

Quando seguimos o objeto, algo se nos depara de imediato: um *insight* do conjunto. Vemos, de relance, todo o desenrolar de um fato, ainda não realizado. O sofrimento fez-nos distanciar do mundo material e engolfar na verticalidade do espírito, propiciando-nos as luzes do entendimento, o que não seríamos capazes de obter, caso permanecêssemos na superficialidade do sucesso aparente. É o fato social tomando uma dimensão cósmica.

Aceitemos os fatos tais quais são. Se o acaso não existe, é preciso refletir favoravelmente sobre o próprio acontecimento, seja bom ou ruim. Sigamos o fluxo de nosso pensamento, criando as condições necessárias para bem administrá-lo.

Outubro/2003

O SUBCONSCIENTE E OS CONDICIONAMENTOS

O **subconsciente** é um termo usado para descrever processos mentais, como pensamentos, idéias e sentimentos, que ocorrem na mente das pessoas sem que estas delas tenham consciência. Na *Psicanálise*, fala-se de um mecanismo de recalque, o qual faz com que muitas impressões e desejos fiquem recalcados, os quais em determinadas condições são trazidos à consciência. Há também quem dê o nome de *subconsciente* àquilo que é fracamente consciente e vivido de um modo mais ou menos obscuro.

O consciente é pensante. O subconsciente é incapaz de raciocinar, portanto aceitará todos os nossos pensamentos, idéias e sentimentos, quer sejam bons ou maus. Para que o consciente se torne realmente pensante, é necessário que exercitemos o pensamento reflexivo, ou seja, aquele que é penoso e não nos deixa aceitar as sugestões pelo seu valor superficial. O pensamento reflexivo implica suportar, de boa vontade, um estado de inquietação e de conturbação mental. Ele exige que triunfemos sobre a nossa inércia mental.

Há, em cada um de nós, uma série de automatismos, alicerçados ao longo de várias encarnações. O esforço para eliminá-los pode acarretar a incompreensão dos nossos semelhantes. Pergunta-se: o que é pior, parecer absurdo a outrem ou a nós próprios? Desta forma, não nos deixemos influenciar por pensamentos negativos, não permitamos que os outros pensem por nós e tracem os limites do nosso progresso. Sejamos, sim, honestos conosco mesmos e atendamos aos deveres impostos pela nossa própria consciência.

Lembretes para eliminar os condicionamentos do nosso subconsciente: 1) não digamos vou tentar conseguir isso, mas se não conseguir, poderei fazer assim ou assado. O erro: o segundo plano vira o primeiro; 2) não imponhamos limite ao tempo; não pensemos: "daqui a um ano terei isso ou aquilo", esse pensamento fará com que o nosso subconsciente pense que nós só precisamos disto daqui um ano e, agindo assim, estaremos retardando a solução dos nossos problemas; 3) lembremo-nos de que é possível resolver cada problema ao surgir, sem lhe proporcionar a oportunidade de se enraizar na mente.

A tendência para fugir das dificuldades, em lugar de enfrentá-las, é uma das primeiras ciladas na solução de problemas. Em se tratando de remover condicionamentos, nem se fala. Na extirpação dos condicionamentos, convém verificar que um dos resultados mais felizes e libertadores de uma boa análise é a descoberta gradual de que ninguém se importa conosco tanto quanto um dia acreditamos. Pensar o que os outros podem pensar de nós é um erro grave: ninguém tem capacidade de penetrar na intimidade de ninguém. O que o outro pode pensar de nós é mais fruto de nossa imaginação do que o seu verdadeiro pensamento.

Libertemo-nos dos automatismos do passado: os maus prejudicam a nossa evolução espiritual; os bons, robotizam-nos. Enfrentemos o presente com o frescor da alma humilde, isto é, aquela que nos ensina a "sermos bons" e não nos "tornarmos bons".

Novembro/2006

Consciência e autoconsciência

CONSCIÊNCIA E AUTOCONSCIÊNCIA

Hegel, em sua *Fenomenologia do Espírito*, expõe a dialética da consciência em três momentos ou estádios: **consciência**, **autoconsciência** e **razão**.

A **consciência** (1º momento) refere-se à certeza sensível, à percepção e ao intelecto. A **autoconsciência** (2º momento), uma espécie de reflexão, suprime a alterabilidade dos objetos, fá-los iguais a si e produz-se ela própria como objeto. Finalmente, no terceiro estádio, dá-se uma unificação mais elevada entre consciência e autoconsciência: a **razão**, diz Hegel, é a certeza de que as suas determinações são tanto objetivas, isto é, determinações das essências das coisas, quanto subjetivas, isto é, os nossos próprios pensamentos. Desaparece assim toda e qualquer distinção entre ser e pensamento, entre sujeito e objeto.

Marx, ao analisar a *Fenomenologia do Espírito*, acrescenta — sob a influência de Feuerbach — que Hegel inverteu a relação de predicação, isto é, concebeu o predicado como sujeito, e o sujeito como predicado do próprio predicado. Em outras palavras, Hegel fez dos predicados intelectuais, espirituais, morais do homem um sujeito real (a autoconsciência), e do mundo empírico um produto daquele sujeito real. Marx, depois de estudar exaustivamente o processo histórico, a revolução francesa e a luta de classes, elegeu o proletariado como sendo a "verdadeira consciência". É somente o proletariado, por ser o elemento produtivo, o único que consegue ver a totalidade da realidade.

Na teoria marxiana da consciência proletária, Lukács põe em relevo aquilo que Marx deve a Hegel e aquilo que, ao mesmo tempo, o afasta dele. Para Marx o proletariado apresenta-se como sujeito-objeto idêntico da história, e é evidente quanto esta concepção deve-se à *Fenomenologia* hegeliana; por outro lado, o fato de a consciência do proletariado ser tal que se identifica com a consciência do próprio processo histórico torna-se em Marx o elemento decisivo, não para uma consideração puramente especulativa da história, mas sim para a transformação revolucionária da sociedade operada pelo proletariado: a consciência de si mesmo ou autoconsciência transforma-se imediatamente em ação revolucionária, a teoria em práxis.

No trajeto desta análise, Lenine terminará invertendo os termos da relação e tratando a consciência de classe como um produto do partido. Neste ponto, o partido, o *Estado* e a *revolução* confundir-se-ão para sempre e caberá apenas aos dirigentes do partido interpretar o sentido da história. É contra este subjetivismo elitário que se dirigirão as críticas "espontaneístas" e em primeiro lugar as de Rosa de Luxemburgo.

A "falsa" e a "verdadeira" consciência são postas em questão. Para que possamos entender globalmente a consciência, necessário se faz pensar na relação entre a parte e o todo. Nesse sentido, Lukács individualiza a essência do capitalismo no fato de este destruir, tanto na prática como na teoria, tanto na realidade social concreta como no pensamento, a *totalidade*. A cisão do trabalhador em relação ao próprio trabalho e às próprias capacidades, que se

transformam em "coisas" para comprar e vender no mercado; a separação do produtor do processo geral de produção etc.

Há que se resistir ao ímpeto da primeira impressão. Esta consciência natural, sensível, quando não submetida à crítica, pode gerar muitos enganos da autoconsciência e da razão.

Abril/1999

GRAUS DA CONSCIÊNCIA

A **consciência** pode ser definida. De acordo com Hamilton, "podemos saber perfeitamente o que é consciência, mas não podemos sem confusão comunicar aos outros uma definição do que nós tão bem apreendemos, e a razão disso é bem simples: a consciência está na raiz de todo o conhecimento". Por seu lado, Baldwin explicou: "O que se chama consciência é o que nós somos cada vez menos à medida que caímos num sono sem sonhos, e o que somos cada vez mais à medida que um ruído nos acorda pouco a pouco".

A Psicologia clássica, para efeitos didáticos, dividiu a consciência em dois graus ou dois modos: **consciência espontânea** e **consciência reflexiva**. A **consciência espontânea** é a consciência direta, imediata; a **consciência reflexiva**, mediata, retorno do espírito sobre as idéias, as representações mentais. Lalande critica essa divisão e substitui, com muita propriedade, o termo **consciência espontânea** por **consciência primitiva**. Quer dizer, primitiva, porque contém o elemento básico, a essência, o conteúdo principal da consciência.

A **consciência espontânea** ou **primitiva** põe-nos em contato direto com o mundo exterior. A situação complica-se quando o homem encontra-se em presença de si mesmo, ou seja, suas próprias atividades podem converter-se para ele em objetos de sua percepção e cognição, como é o caso da introspecção. O voltar-se para si mesmo é o que denominamos de autoconsciência, aquela mesma ensinada por Sócrates há mais de 2500 anos. A esse procedimento chamamos **consciência reflexiva** ou consciência elevada à segunda potência.

A **consciência reflexiva** estimula o homem a olhar-se e olhar o mundo de diferentes pontos de vista, e remodelar, a qualquer momento, a sua própria personalidade. Cria-lhe condições de intervir, intencionalmente, no curso do seu próprio desenvolvimento, a fim de reestruturar suas relações com o ambiente. Ainda mais: essa função, a mais elevada da consciência, amplia consideravelmente o mundo do homem e o eu; liberta-o do fechamento na própria subjetividade e capacita-o a olhar as coisas e para si mesmo de um ponto de vista objetivo.

A **emotividade** dá uma dimensão especial à consciência. De acordo com William James, as naturezas geralmente emotivas, muito acessíveis aos

movimentos afetivos, podem caracterizar-se, em linhas gerais, por mais alto grau e por um campo mais estreito de consciência, que o não-emotivos. Reduzindo-se a extensidade, aumenta-se a intensidade, eis uma lei que se registra em todo o existir tempo-espacial. Por isso, as diferentes percepções com relação a um mesmo objeto.

O homem espiritual deve buscar o grau máximo de sua consciência: ocupar a sua mente somente com coisas que objetivam o real crescimento do seu espírito imortal.

Fonte de Consulta

SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed., São Paulo, Matese, 1965.

Março/1999.

FRONTEIRAS DA CONSCIÊNCIA

Suponhamos que um ser de outra galáxia, mais evoluída do que a nossa, resolvesse visitar o planeta Terra. Para ele, o homem é limitado na sua visão, porque com os seus dois olhos só consegue ver em uma única direção e a uma distância de 100m. Se quiser olhar para os lados, tem de virar a cabeça. Ele, pelo contrário, tem uma visão global, ou seja, enxerga ao mesmo tempo, por todos os lados. Além disso, alcança uma distância bem maior.

O homem, limitado ao seu cérebro físico, só consegue ter um dado na consciência de cada vez. O ser da outra galáxia, devido aos princípios construtivos do processador central, pode ter paralelamente muitos processos de consciência. Essa limitação a uma só consciência é uma diferença fundamental entre um e outro. Como o homem só tem uma consciência de cada vez ele não consegue prever o que lhe chega à consciência, enquanto os seres da outra galáxia evocam consecutivamente cada consciência parcial, tendo em vista os objetivos da ação.

O princípio da ação, no homem, fica muitas vezes por esclarecer. A esse estado de coisas, ele denomina de inconsciente. Além disso, o que lhe chega à consciência está sempre colorido de sentimentos, o que leva a que os seus atos sejam sempre influenciados pelas emoções. Pelo contrário, os atos dos habitantes de outra galáxia decorrem a um nível puramente racional podendo ser por isso continuamente controlados e efetivamente por eles controlados.

O homem, premido pela sua necessidade de evolução, desenvolveu, ao longo do tempo, métodos próprios que lhe permitiram alargar os limites de sua visão do mundo. Ele chama ciência a esse modo de proceder. Examina, assim, outros seres vivos do mesmo modo que o fazem os seres de outras galáxias. E a partir das conclusões desses estudos comparativos consegue ter uma visão mais vasta da natureza.

Esta reflexão sobre as fronteiras da consciência é sumamente importante, porque não nos deixa no caos do ilimitado. É preciso, por isso, muito cuidado, nos ímpetos de nossa evolução, pois um clarão pode ofuscar enquanto a luz de uma vela é alimento perene para toda a eternidade. Saibamos não só procurar o alimento adequado para as nossas necessidades físicas e espirituais, como também oferecer aos outros o alimento que eles possam digerir.

Não nos esqueçamos de nossas responsabilidades. Apesar das fronteiras de nossa consciência, há um instinto interno que nos diz quando estamos agindo de conformidade com o bem ou com o mau.

Fonte de Consulta

PÖPPEL, E. *Fronteiras da Consciência: da Realidade e da Experiência do Mundo*. Lisboa, Edições 70, 1989.

Agosto/1997

MEMÓRIA: DO INCONSCIENTE AO CONSCIENTE

"Quem sou eu?" Uma reflexão sobre essa questão mostra-nos a dificuldade que temos de conhecer a nós mesmos. Biologicamente, somos iguais a nós mesmos somente a cada vinte e quatro horas. É que o nosso metabolismo altera-se ao longo do dia. A temperatura, por exemplo, sobe durante o dia, atinge o seu valor máximo no fim da tarde e baixa a partir da noite, para atingir um valor mínimo no meio da noite. Tudo em nós é diferente dependendo da hora da medição. A urina colhida de manhã é diferente daquela colhida à noite bem como a memória matinal é distinta da memória noturna.

A vivência no planeta Terra realiza-se, dialeticamente, opondo-se dia e noite. Para que o Espírito adaptasse à mudança do dia para a noite, houve necessidade de muni-lo de um relógio biológico. Este relógio não só consegue pôr-nos a dormir à noite, fazer que sonhemos e acordemos espontaneamente de manhã, mas também é responsável pela alteração periódica diária de praticamente todas as funções que podemos observar no organismo. Por mais que adormos nossa ida à cama, chega um momento em que somos vencidos pelo sono e temos de nos render.

A **memória** marca a duração do tempo em nossa vida. Sem ela teríamos dificuldade de nos reconhecemos. O fato de nos levantarmos e logo tomarmos consciência de nossa existência é porque foi acionado o conteúdo de nossa memória. Observe, por exemplo, as pessoas que perderam a memória. Elas não conseguem identificar-se consigo mesmas. Faltando-lhes o ponto de referência, ou seja, a memória ficam perdidas.

A **admissão de um inconsciente que penetra constantemente na consciência** pode ser correta ou falsa. Para Freud, o inconsciente pode tornar-se consciente, desde que não haja recalques. Quando um estado de coisas

não se pode tornar consciente, quando pois permanecem inacessível à consciência, então não existe qualquer possibilidade de examinar a sua influência na consciência. No fundo temos de escolher, ou seja, aderir ou não à questão da existência do inconsciente.

Como podemos entender a relação entre presente, passado e futuro? O passado é o pós-consciente, isto é, aquilo que já passou pelo consciente. O futuro é o pré-consciente, ou seja, aquilo que pode tornar-se consciente. O presente é o agora, isto é, o conteúdo do consciente, que sintetiza o co-consciente, o para-consciente, o inconsciente, o subconsciente e o extraconsciente. O ser é hoje o resultado de todo o complexo representado pelo presente, passado e futuro.

Em nosso psiquismo existem mistérios ainda insondáveis. Aceitemos, pois, as injunções do inconsciente, porque aí se encontra um manancial de verdades a serem desvendadas pelo nosso Espírito imortal.

Fonte de Consulta

PÖPPEL, E. *Fronteiras da Consciência: A Realidade e a Experiência do Mundo*. Lisboa, Edições 70, 1989.

Novembro/1996

Transformar-se

CIÊNCIA COGNITIVA E MUDANÇA DE MENTALIDADE

A **ciência cognitiva** diz respeito, entre outros aspectos, à *mente* e à *mentalidade*. Como nos dias que correm, cresce o número de pessoas que acreditam que a sobrevivência do ser humano neste planeta depende de uma profunda mudança em sua mentalidade, Humberto Mariotti, médico psicoterapeuta, procura mostrar, em artigo à Revista *Eccos*, uma epistemologia diferente da atualmente dominante, no sentido de produzir mudanças políticas, científicas, filosóficas e práticas cotidianas.

Em sua análise, estabelece alguns pontos de partida: a) nossa idéia de mundo vem de nossa cognição; b) conhecemos o mundo segundo nossa estrutura; c) esta estrutura cognitiva implica um determinado modo de elaborar o que foi percebido; d) os resultados dessa elaboração orientam nossas ações; e) tais ações têm conseqüências éticas; f) logo, para mudá-las, é preciso modificar nossas idéias sobre a cognição, o que, por sua vez, alteraria a nossa estrutura cognitiva.

Observando o mundo que nos rodeia, ele constata o fenômeno da McDonaldização da sociedade. O que significa? Condicionamento à pressa, ao imediatismo, ao desejo da saciedade instantânea e, principalmente, à padronização dos movimentos e do consumo. Nesse sentido, o indivíduo se defronta com um mundo pronto, acabado, igual para todos. Esse fato, segundo Humberto Mariotti, impede o ser humano de pensar, de refletir. Em outras palavras, a sociedade condicionando-o a uma estrutura globalizante e alienante, rouba-lhe a estrutura própria. Se pensar diferente é "excêntrico", "subjetivo", posto à margem da sociedade.

Se o mundo é igual para todos, para que refletir, para que pensar? Esta é a situação marcante de uma sociedade que prega o consumo de massa, especialmente, através da mídia televisiva. Manipulando o pensamento, produz uma sociedade conformada, que simplesmente atende à ordenação do emissor, aquele que diz o que é e o que não é importante. Observe, por exemplo, o trabalho dos marqueteiros políticos: eles conseguem transformar a postura de um candidato, fazendo-o parecer um "salvador da pátria" diante do público.

Ao nos depararmos com este texto, lembramo-nos de um eminente filósofo brasileiro, Mário Ferreira dos Santos que, na década de 50, desenvolveu um método próprio para aprender e ensinar filosofia, contrariando todos os que o desestimulavam. Dizia que todo o homem deve viver e morrer como um guerreiro. O ser guerreiro, aqui, é lutar contra o "status quo" estabelecido, no sentido de primeiro nos alertarmos, e depois todos aqueles que estiverem ao nosso redor.

O pensamento de Mariotti, embora com outra roupagem, leva-nos ao conhecedor a ti mesmo de Sócrates, quando este nos diz que *uma vida sem reflexão não merece ser vivida*. Neste artigo, o autor explicita que a "reflexão confere à consciência a dimensão humana".

Fonte de Consulta

MARIOTTI, Humberto. *Cognição, Sociedade e o Novo Autoritarismo: Uma Análise de Algumas Abordagens Científicas e suas Conseqüências Éticas*. *Eccos Revista Científica*, São Paulo: Centro Universitário Nove de Julho, v. 2, n.º 1, p. 27-43, junho de 2000.

Julho/2002

CRENÇA E RESISTÊNCIA

A maioria dos nossos hábitos e costumes é fruto da cultura e da tradição. Os nossos avós absorveram esses hábitos de seus progenitores e os comunicaram aos nossos pais; os nossos pais, por sua vez, passaram esses costumes a nós; nós, aos nossos filhos; os nossos filhos,... Se alguém, nessa cadeia, coloca em dúvida um desses conhecimentos, respondemos que sempre funcionou assim. Sobre esse mister, há, na gíria futebolista, uma frase célebre: "Time que está ganhando não se mexe". Seguindo esse ritmo, o nosso pensamento se acomoda às coisas. O verdadeiro conhecimento exige uma ruptura desse *status quo*.

A inovação tem, em primeiro lugar, um caráter assustador. Teme-se perder o *status*, o emprego e a comodidade. Por isso, toda idéia nova sofre resistência. Em primeiro lugar, porque as pessoas, tão logo recebem a informação, não conseguem – de chofre – absorver o alcance total da proposição. Em segundo lugar, porque o medo acaba maculando o bom entendimento da nova proposta. As pessoas ficam na defensiva e não conseguem ver o lado positivo da mudança.

Cristo, em uma de suas passagens evangélicas, tratou desse problema, o da idéia nova. Ele disse que não tinha vindo trazer paz à Terra, mas a espada, que veio para separar o pai do filho, o filho da nora, e o homem da mulher. Interpretados ao pé da letra, podemos concluir que esses ensinamentos não foram veiculados pelo Mestre. Contudo, o que está por detrás dessas palavras é que a nova idéia, ou seja, os preceitos de sua doutrina, não seriam aceitos sem luta, sem contrariedade e sem discussões.

A mudança é uma proposição sempre bem-vinda. Mas, na hora de a colocarmos em prática? As dificuldades aparecem. Estar aberto ao novo não é tão fácil quanto poderíamos pensar. Quantas já não foram as vezes que propusemos mudar a nossa conduta? E depois? Voltou tudo como era. Dizemos: segunda-feira eu vou começar o meu regime; quando a segunda-feira chega, transferimos o problema para terça-feira, depois para quarta e assim sucessivamente, até chegarmos ao dia do são nunca.

A formação de hábitos salutareos exige fortaleza de ânimo. Os novos paradigmas não podem ser uma extensão do passado, porque a continuidade dos costumes nada mais faz do que alimentar os automatismos do cérebro velho. Há necessidade de se romper com a mente velha, inclusive com os automatismos na prática do bem. O espírito tem que estar sempre livre, solto para criar condições de agir criativamente. A repetição apenas acomoda a nossa mente. A evolução do espírito exige movimento, reflexão.

Inovar é estar alerta para o que estiver acontecendo aqui e agora. Observe o computador: ele facilita a vida de muita gente. E quando ele começou a ser implantado? Não sofreu resistência das pessoas e das empresas?

9/2/2007

TRANSFORMAÇÃO INTERIOR

Se à pergunta como transformar, respondermos que não queremos ou que achamos difícil, há uma atitude negativa por parte de nós. Porém, se respondermos positivamente e pedirmos para alguém nos ensinar como fazê-la, estaremos criando uma dependência com relação à autoridade desse alguém. Vale dizer, que criar autoridade no campo da evolução espiritual é fundamentalmente contraproducente, porque não agimos de acordo com nossa necessidade, mas de acordo com os imperativos de outrem.

Há fundamental diferença entre **aprendizado** e **conhecimento**.

O **conhecimento** pertence ao passado: são os nossos hábitos, as nossas experiências, os nossos automatismos; o **aprendizado** pertence ao presente: são as nossas realizações atuais, os nossos estudos, as nossas lucubrações. Quando nos esforçamos por agir de acordo com um ato automático, uma experiência já vivida, estamos negando o presente, que por sua natureza, é sempre novo, ou seja, uma experiência ainda não vivenciada.

Quando falamos em **transformação**, falamos em **disciplina**. Se, porém, lembrarmos-nos de que a raiz da palavra disciplina significa aprender, verificaremos que não é necessário impor disciplina para estudar, pois já o ato de estudar cria a sua própria disciplina, sem repressão de espécie alguma. Quer dizer, nossa atuação no dia que corre não deve basear-se numa conduta já previamente estabelecida, numa ação determinada por algum acontecimento passado, mas devemos estar com a mente aberta para o novo, para a mudança, para o criativo.

A transformação interior exige solidão e silêncio. O que significa estar em silêncio? O que caracteriza a solidão? Podemos estar em silêncio falando muito; estar solitário, no meio da multidão. O que caracteriza tanto o silêncio quanto a solidão é a nossa postura diante dos outros. Em qualquer lugar que estivermos, poderemos conquistar espaços de estudo e meditação, no sentido de refazermos as nossas idéias. O temor de estar só deriva do fato de não quisermos enfrentar a nós mesmos, pois um exame de consciência pode acusar as várias irregularidades que cometemos em nosso dia-a-dia.

Transformação é libertação do passado. Como nos libertarmos do padrão social, da condição econômica e da propaganda do mundo que dão maior importância aos gozos sensuais? Não é tarefa fácil pensarmos pela nossa própria cabeça, pois sempre estaremos em contradição com os prazeres mundanos. Convém, nesses momentos de crise interior, lembrarmos-nos de que nunca chegaremos a agradar todo o mundo. O que realmente vale é cumprirmos fielmente o nosso dever, a fim de estarmos com a consciência tranqüila.

"Sê tu mesmo, desenvolva a tua personalidade", disse Jesus. Eis aí a grande e excelsa ordenação de nossa disciplina interior.

Fevereiro/1999

TRANSFORMAR-SE

A transformação exige a tomada de consciência daquilo que deve ser mudado. Se, em nosso dia-a-dia, repetimos os automatismos, sem qualquer preocupação de renovação, é quase certo que a transformação está por ser feita. A conscientização de uma mudança vem, geralmente, através de um desconforto, de algo que nos contraria, de um aborrecimento etc. O sofrimento, fazendo com que a nossa mente volte-se para dentro de si mesma, é o primeiro estopim dessa mudança.

A transformação é geral, porém podemos situá-la dentro de alguns aspectos específicos. Quanto à *alimentação*, será que estamos comendo racionalmente? Estamos ingerindo as vitaminas e os carboidratos necessários à nossa manutenção física? Quanto ao *juízo*, estamos sofrendo com resignação ou condenando as más ações do próximo? Quanto ao *foco* de nossas atividades, descartamos aquilo que não tem mais serventia? Quanto aos *relacionamentos*, estamos guardando muitos ressentimentos em nosso coração?

Na antiguidade clássica grega, os verdadeiros filósofos não eram o que especulavam acerca da origem da vida e do cosmo, mas aqueles que se transformavam a si mesmos. Essa idéia de transformação também inflamou o pensamento dos primeiros Pais ou Padres da Igreja grega e romana. Os verdadeiros filósofos eram homens ligados à filosofia e à religião e procuravam agir de acordo com o que pensavam e falavam. Eles não só ensinavam, mas também praticavam a arte de bem viver. Eram os verdadeiros terapeutas da sociedade.

Os grandes sábios da humanidade dão muita importância ao exemplo. Por isso, diz-se que "o exemplo corrige muito mais que as repreensões", "mostrar como fazer é a melhor das críticas". Nesse mister, os que estão adquirindo sabedoria devem ter em mente que serão ridicularizados e condenados, pois se defrontarão com muita incompreensão em torno de seus passos. Às vezes uma pessoa escreve coisas edificantes, mas não age de acordo com seus escritos. Não o condenemos. Ao contrário, pensemos: ele está agindo de acordo com os seus automatismos, mas o que escreveu serve como preparação para o seu futuro.

Os desejos apressam e as aversões retardam a realização de um ato qualquer. O ser humano deve regular as suas emoções, ou seja, conter não só a negatividade da aversão como também estímulo do desejo, a fim de que não

desvie dos caminhos que deve percorrer na vida. O equilíbrio não é fácil, mas sempre teremos a proteção do Alto. Deus, que ama todos os seus filhos, não nos deixaria abandonados. O que Ele quer é que permaneçamos em nosso posto de trabalho, controlando o que é da nossa conta e deixando para o outro o que é da conta dele.

Resistamos aos hábitos infelizes e cedamos àqueles que nos enriquecem a personalidade. Façamo-lo, contudo, com critério e determinação.

Março/2006

AQUI E AGORA

As circunstâncias nas quais estamos inseridos nem sempre dependem de nossa vontade, pois, quer queiramos ou não, se tivermos de passar por uma dificuldade, ela se apresentará à nossa frente. Podemos assim ser impotentes na escolha de uma situação, mas não na execução dos atos que dali advém. Quer dizer, optar pelo exercício do bem ou do mal depende muito mais da nossa fortaleza moral do que das sugestões que recebemos do meio ambiente.

Um dos princípios básicos para o engrandecimento do espírito é ter a mente aberta. Nesse sentido, todas as vezes que formos a um determinado evento, ou seja, palestra, aula, reunião, diversão, convém irmos isentos de idéias preconcebidas. Por que? Porque a idéia preconcebida ou preconceito, que é um conceito formado antecipadamente, dificulta a verdadeira captação dos fatos. Observe, por exemplo, quando precisamos tratar com uma pessoa e uma outra nos fornece alguns detalhes de sua personalidade. O que acontece? Muitas vezes, expressamo-nos defensivamente, e criamos barreiras ao bom relacionamento.

As informações da mídia, se não soubermos filtrá-las, causam muito mais mal do que bem ao nosso conhecimento. Por que? Enchemos o nosso cérebro de nomes, dados estatísticos, fatos extraordinários, ou seja, uma quantidade enorme de notícias fragmentadas, sem a devida explicação, análise e reflexão. Por outro lado, para que possamos aprender profundamente um assunto, há necessidade de nos debruçarmos sobre ele, vendo os prós e contras, o factível e o não factível, no sentido de formar um conceito mais justo e mais de acordo com o verdadeiro significado do tema em questão.

Assemelhar-se às crianças é bastante produtivo quando se trata de obter novos conhecimentos. Observe as suas perguntas e respostas, que muitas vezes deixam o adulto perplexo. Quando ela pergunta, ela quer saber, mas sem segundas intenções; quer saber por saber. Quando responde, dificilmente falta com a verdade, pois para ela é natural dar uma resposta objetiva. Ou seja, enquanto nós, os adultos, geralmente escolhemos o verbo, a palavra, os gestos próprios para dissimular um sentimento, elas agem espontaneamente, naturalmente, sem defesas.

Se nos preocupássemos menos com a nossa representação na sociedade, quem sabe viveríamos mais livres e felizes. Decidirmo-nos por uma vida simples e humilde não é tarefa fácil, pois a imagem da fama, do sucesso, do bem-estar raramente nos abandona. E isso tudo estimulado pela sociedade individualista e consumista dos dias atuais, em que a coisificação do ser humano passa a desempenhar papel de destaque. Cada um de nós não é uma pessoa, mas sim um número estatístico que possui x renda, x propriedades, x diplomas. A simplicidade e pureza de coração causa espanto a nós mesmos: por que ser pacífico num mundo violento?

Estejamos atentos às circunstâncias que nos rodeiam. Estar consciente do *aqui* e do *agora* é mais produtivo do que saber de cor todos os versículos da Bíblia.

Maio/2001

ATIVIDADE FECUNDA

A sociedade, de um modo geral, convida-nos ao individualismo e à personalização do nosso eu, principalmente com a oferta crescente de bens e serviços. É o aparelho de microondas, o rádio, a Televisão, os jogos de computador e tantos outros. Como tudo parece normal, aprisionamo-nos, sem o percebemos, ao sistema econômico e financeiro vigentes. Estamos sempre atarefados, sem tempo para os familiares e os entes queridos. Contudo, pergunta-se: será que todas essas atividades são necessárias? Fecundas? Produtivas?

Platão, na antiguidade, desenvolveu o *Mito da Caverna*. Nesse mito, ele coloca os homens voltados para o fundo da caverna, de modo que só podiam ver as próprias sombras. Dentre tais homens ele aponta um, que se vira e vai ao encontro da luz. As sombras representam, no mito, as atividades superficiais da vida, mormente relacionadas ao progresso técnico e científico. Se o homem não conseguir olhar para além dos sentidos físicos, ele acaba se tornando materialista, sujeito a todos os desejos que tal atitude acarreta.

A verdadeira atividade consiste no trabalho fecundo do espírito. É uma volta constante para dentro de si mesmo, como fazia Sócrates na antiguidade. Para tais homens, desprovidos do interesse pessoal, a consideração humana e o prestígio são colocados em segundo plano. O objetivo maior é a busca da verdade, e para isso são capazes de todos os sacrifícios. Os que vivem na agitação do dia-a-dia, os que vivem nas sombras não são capazes de entender as ações de seres humanos voltados apenas para as coisas do espírito.

A vontade humana está sempre pronta para responder aos apelos dos sentidos. Nesse sentido, basta que sejamos resolutos e atendamos rapidamente a um estímulo externo e estaremos enquadrados no seio da sociedade. E a vontade divina? Como atendê-la a contento? A vontade divina independe de uma vontade férrea de nossa parte. Para concretizá-la, temos

que nos fazer fracos e submissos ao Criador. Não adianta impormos a vontade humana; é preciso que saibamos captar a vontade de Deus, em primeiro lugar.

A atividade profunda encaminha-nos para a construção do Reino de Deus dentro de nós. Isso quer dizer que a felicidade e o bem-estar não estão no exterior, mas no âmago de cada ser. Por que buscar alhures? Se nos voltarmos totalmente para as coisas do espírito, vamos verificando a vaidade e a inutilidade de muitas ações que praticamos na sociedade. Procuremos, pois, adquirir o conhecimento superior e praticar as virtudes morais, porque nenhum ladrão conseguirá roubá-los de nós.

Não nos preocupemos com o dia de amanhã. "A cada dia basta o seu mal", diz o Senhor. Aproveitemos integralmente o dia de hoje e esperemos pacientemente o futuro, que virá seguramente.

Setembro/2004

AUTO-AJUDA - UMA ILUSÃO?

A moral primitiva implicava a regulamentação do comportamento de cada um de acordo com os interesses da coletividade. O indivíduo era mero suporte, auxiliar na concretização dos objetivos do grupo. O comunismo primitivo é um exemplo que vem ilustrar essa idéia. Lá não havia a família, tal qual a conhecemos hoje, porque todos pertenciam ao grupo. Além do mais, toda ação de auto conhecimento era uma ação voltada para melhoria do caráter, a conquista das virtudes, disposições essenciais para a obtenção da sumo bem e da felicidade eterna.

O homem moderno, influenciado pela filosofia de Descartes - buscar Deus pela razão - perde a orientação característica das sociedades tradicionais, e, desse modo, através do individualismo, cada qual acaba buscando por si mesmo a sua própria orientação na vida. Assim sendo, a autonomia do sujeito é buscar em si mesmo, ou seja, nas suas forças interiores elementos para auto ajudar-se. Contudo esse culto à individualização fê-lo mais materialista e egoísta, contrariando sobremaneira os ensinamentos evangélicos que diz para repartir com o seu irmão de jornada.

O fenômeno da auto-ajuda teve início em meados do século XIX, no momento em que se caracterizava o culto à singularidade do indivíduo moderno, quando ele passa ter o valor central da cultura ocidental. Este fenômeno coincide com o desenvolvimento das sociedades capitalistas — que se caracterizam pela tecnologia de ponta, pelos grandes investimentos e pela obtenção do lucro. O dinheiro acaba medindo tudo, inclusive o indivíduo. Quem tem dinheiro tem status social, é bem sucedido, senhor de altos conhecimentos. Destacando-se do grupo, pode incentivar outros a fazer o mesmo: é daí que surge o individualismo que deteriora a vida comunitária.

O discurso de auto-ajuda, que é pronunciado pelos seus líderes, possui uma "tonalidade" que encanta e fascina. De acordo com Arnaldo Toni Sousa das Chagas, em seu livro *A Ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social*,

resultado de uma pesquisa nos vários livros de auto-ajuda, diz-nos que esses pregadores de auto-ajuda, com a insolência inabalável de seus posicionamentos e pelo discurso atrativo, acabam encaminhando os seus leitores ou ouvintes para um caminho, onde tudo pode ser realizado, obtido, conseguido, como num passe de mágica, pois basta querer, porque querer é poder. As incertezas, as dúvidas, os questionamentos próprios do saber filosófico não fazem parte desse discurso.

O discurso de auto-ajuda pelo grau de autoridade e dogmatismo que possui vem justificar os sintomas degradantes do vínculo social, principalmente pelo enfraquecimento dos laços sociais e sua conseqüência para a vida comunitária, em virtude da valorização dos bens de uso, de consumo, da autonomia, da liberdade, em detrimento do amor ao próximo, da fraternidade do auxílio mútuo, do fazer aos outros o que gostaríamos que nos fosse feito. Este é o grande sintoma (egoísmo) que devemos combater. Esta é a chaga numero 1 da sociedade, mascarada pelos discursos de auto-ajuda.

Estejamos atentos: somos nós tão insensatos que tendo começado pelo espirito acabaremos pela carne?

Fonte de Consulta

CHAGAS, A. T. S. das. *A Ilusão no Discurso da Auto-Ajuda e o Sintoma Social*. Rio Grande do Sul, Unijuí, 1999.

Abril/2001.

POSSO SER DIFERENTE DO QUE EU SOU?

Neste exato momento estou digitando este texto. Por que não estou fazendo outra coisa? Por que não estou assistindo à TV? Por que não estou ouvindo rádio? Por que não estou viajando pelo mundo? Porque esta escolha é o melhor uso que estou fazendo do meu tempo disponível. A resposta, "não tenho tempo", mostra que não queremos alocar o nosso tempo para as atividades que não estão em nosso projeto de vida. O inverso também é verdadeiro: "sempre temos tempo para aquilo que consideramos essencial em nossa vida".

A vida é o *hic et nunc* (aqui e agora). O hoje é o resultado do ontem. A situação em que cada um de nós se encontra na vida é o resultado das escolhas feitas no passado. Estamos, assim, no devido lugar e, com certeza, não saberíamos escolher outro melhor. Que outra coisa eu poderia fazer se não estivesse fazendo o que eu estou fazendo neste exato momento? Lembremo-nos de que somos únicos. Por isso, convém sempre pugnar por fazer aquilo que o nosso coração nos pede e não aquilo que os outros achem que devemos fazer.

A expectativa dos outros é uma forma de preconceito. Por que? Porque eles formam uma imagem de nossa pessoa e acabam exigindo que atendamos a

essa representação. Suponha que adquiramos a glória de ser **caridoso**. Basta negarmos um único pedido, para que os outros passem a nos cobrar por tal atitude. Ficamos imensamente chateados com isso. Convém, diante dessa situação, distinguirmos o que é sugestão alheia e o que é recurso próprio do nosso sentimento. Rigorosamente falando, não precisamos dar satisfação a ninguém a não ser à nossa própria consciência.

Lamentar-se não resolve. O tempo que perdemos lamentando-nos da vida poderia ser mais bem aproveitado na ação de resolver o problema que nos aflige. Agir em vez de lamentar-se! Só que não é tão fácil, pois exige mudança de nossas atitudes, de buscar o desconhecido, o que gera medo e incerteza. Este talvez seja o grande empecilho para o progresso em nossa vida. Queremos o êxito, mas não queremos pagar o preço que tal procedimento exige. É por isso que, muitas vezes, preferimos a resignação e a ocupação do último lugar na escala social.

Quando incompreendidos por nós mesmos e pelos outros, verifiquemos o estado de nossa consciência. A pureza de consciência sempre nos propicia a paz e o equilíbrio em qualquer circunstância, mesmo na mais borrascosa. Daí surgir o paradoxo: *estar atolado nas dificuldades e, ao mesmo tempo, ter a impressão que não há problema algum*. Para reforçar o equilíbrio mental, convém nos lembrarmos de que todo o bem que fizemos ao nosso próximo ficará gravado no éter e, mais cedo ou mais tarde, nesta ou em outra encarnação, receberemos o retorno dessas ações.

Compenetremo-nos de que lamentar nada resolve. É imperioso agir. Contudo, a ação não deve ser movida pela força, nem pela violência, mas pelo amor-doação, pois "não existe melhor vitória do que aquela em que o adversário se considera vencido".

Setembro/2005

PROVISÓRIO E DEFINITIVO

O que é provisório? O que é definitivo? O provisório diz respeito a um dia, a um mês, a um ano? É possível viver na transcendência de Deus? O que é o eterno? Dada nossa finitude, como viver na infinitude de Deus? Eis algumas perguntas que podem nortear essa reflexão sobre o provisório (transitório) e o definitivo (eterno).

Algumas religiões, de um modo geral, não dão a devida atenção às relações imperfeitas em sociedade. Observe que muitos propagadores, formados em seus diversos cursos, vêm tudo de modo perfeito. Contudo, a realidade é outra, ou seja, imperfeita, em que o erro é mais visitado do que a verdade. Diante dessa constatação, o desânimo toma conta desses novos formandos, arrefecendo o trabalho de catequese. Isso, porém, dura pouco, porque a experiência os fará ver que o mundo é o que é, isto é, imperfeito.

Outras religiões, por seu lado, aproveitam-se da ignorância dos seus adeptos e prometem a felicidade eterna no céu. Os seus expositores se esquecem de que isso não será conseguido, porque nada mais somos do que a extensão de nós mesmos. A morte não modifica o nosso estado moral, intelectual e espiritual. Do outro lado da vida, falta-nos apenas o corpo físico. Lá, continuamos com o nosso passivo espiritual, que é a soma de nossas perfeições e imperfeições desta existência.

O provisório tem o seu valor: é aí que Espírito realiza a sua experiência. O provisório deve ser interpretado como uma existência terrena. Enquanto estivermos encarnados, estaremos exercitando o nosso livre-arbítrio e a nossa vontade. Como não temos tempo suficiente para bem refletir sobre todas as nossas ações, haverá também muitas decisões erradas. Um fato se apresenta e temos de decidir. Assim, tudo é imperfeito, inclusive a prática da caridade.

O ser-para-o-outro, essência da caridade, não é uma relação pura, porque nem o "eu" e nem o "outro" são puros. Toda ação responde a uma utilidade. Agimos em função do nosso parente, do nosso amigo, do nosso dependente. Desta forma, tanto quanto somos imperfeitos, os outros também o são. Nesse sentido, a caridade surge como um acréscimo, uma resposta a uma utilidade.

Na vida, cada ser humano tem a sua quota de responsabilidade. Saibamos bem desempenhar a nossa, a fim de transcendermos este mundo transitório e penetrarmos no mundo verdadeiro e definitivo, o mundo espiritual.

Novembro/2006

Virtude

VIRTUDE EM ARISTÓTELES

Aristóteles, em *Ética a Nicômaco*, II, 6, diz que a **virtude** é a disposição adquirida voluntária, em relação a nós, na medida, definida pela razão em conformidade com a conduta de um homem ponderado. Ela ocupa a média entre duas extremidades lastimáveis, uma por excesso, a outra por falta. Enfatiza, também, que, embora consista numa média, em relação ao bem e à perfeição ela se situa no ponto mais elevado. Como pode a virtude ser ao mesmo tempo média e ápice?

Para entender corretamente o texto filosófico, devemos localizar os termos mais importantes, e suas noções. Assim, **virtude** (*arétè*) designa toda excelência própria de uma coisa, em todas as ordens de realidade e em todos os domínios. Aristóteles a emprega assim, embora lhe acrescente o valor moral. **Disposição** (*héxis*) é definida como uma maneira de ser adquirida. O latim traduziu *héxis* por *habitus*. A virtude só será *habitus* se se retirar desse termo o caráter de disposição permanente e costumeira, mecânica, automática. **Mediedade** (*mésotès*): este termo remete tanto ao termo médio de um silogismo quanto à média (ou ao meio termo) que caracteriza a virtude.

Como, pois, entender que virtude é média e ápice? Aristóteles parte de um conceito geral e delimita-o depois. Diz, primeiramente, que a virtude é agir de forma deliberada; depois, fala em agir em prol do mais alto bem. Ao falar dela como *héxis*, enfatiza uma capacidade adquirida, constante e duradoura, o que elimina a pretensa qualidade inata. Assim, ao se comportar moralmente, o homem deve também se comportar racionalmente, ou seja, uma razão que já passou pela prova dos fatos; a mediedade, diz ele, é a que o homem prudente determinaria. E determinaria em função dos homens superiores a ele. Por isso é oportuno aconselhá-los a imitarem os melhores.

A **mediedade** opõe-se a dois vícios simétricos. Como estamos no campo da moral, o que vale não são as idéias, mas a prática dessas idéias. Perguntaríamos: quais são essas práticas que não são virtudes? Os vícios. Explicação: a natureza moral jamais é natural, e sim o resultado de uma maneira de ser adquirida – para mais ou para menos –, o que representa sempre um excesso. Por exemplo, a coragem é virtude delimitada por essa falta que é a covardia e esse excesso que é a temeridade. A virtude revela-se portanto como um meio termo.

A virtude não é média, ela é a média justa. Saímos do âmbito quantitativo onde tudo é colocado no mesmo plano e passemos ao âmbito qualitativo. Observe que tanto nas paixões como nas ações, há condutas que estão abaixo ou acima do que convém. A virtude não é assim uma média aritmética dos excessos para mais ou para menos, ela é o *vértice de eminência*, ou seja, é ela quem diz qual é o vício para cima ou para baixo. O óbolo da viúva, de que nos lembra o Evangelho, vem a calhar: a viúva que deu apenas uma moeda, deu mais do que o rico, pois enquanto este deu o que lhe sobrava, para ela a quantia representava uma privação.

Esta reflexão sobre a virtude em Aristóteles serviu-nos para melhor apreciar os termos que usamos constantemente. Devemos, assim, lembrar que a virtude é

sempre uma disposição a ser adquirida na prática do bem. Ou seja, há sempre algo a melhorar.

Fonte de Consulta

FOLSCHEID, Dominique e WUNENBURGER, Jean-Jacques. *Metodologia Filosófica*. Tradução de Paulo Neves. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002. (Ferramentas)

Agosto/2002

PRUDÊNCIA (I)

A **prudência** é a qualidade de quem age com moderação, comedimento. É uma virtude que nos coloca de sobreaviso sobre tudo aquilo que é motivo de erro ou de dano ou que pode nos trazer algum constrangimento. Ser prudente é calcular, desconfiar, freqüentemente calar e, às vezes, rastejar, é imitar a serpente, para melhor se defender das serpentes.

Baltasar Gracian afirma: "Não há sorte e nem desgraça; o que há é prudência e imprudência". Quer tirar-nos a imagem que o senso comum forma sobre o êxito de uma pessoa, ou seja, que ele é devido à sorte ou aos bons ventos. Acontece que o bom êxito não vem por acaso. Ele é fruto de um trabalho árduo, de uma perseverança sem fim naquilo que se tem em mente, no objetivo a ser atingido. Compará-lo à sorte é uma comodidade dos espíritos levianos e pouco afeitos aos esforços do pensamento.

Uma das regras da prudência é não gerar expectativas nos outros. Despertar a curiosidade tem mais eficácia. Por que? Quando as pessoas exageram nas expectativas, elas não estão sendo coerentes com a realidade das coisas. O resultado, quase sempre, é a decepção. Observe os comentários da mídia com relação ao selecionado brasileiro: o melhor futebol do mundo, o favorito para ganhar a copa do mundo. A realidade: os atletas jogam abaixo dessa projeção, daí a crítica e a exigência de mudança.

É prudente não se revelar totalmente aos outros. Um certo grau de mistério é sempre preferível. O alimento deve ser dado quando o apetite estiver com fome. Por que forçar uma situação, quando o grupo ainda não aglutinou forças para tal realização? Saber esperar o momento certo para uma repreensão, para uma advertência, para um ensinamento. Jesus disse-nos para não colocar a candeia debaixo do alqueire, ou seja, sugeria-nos que falássemos de acordo com o interesse e a compreensão do interlocutor.

Estamos mais sujeitos a ouvir do que a ver. Significa dizer que a nossa vida se pauta muito mais pelas notícias do jornal, da televisão, do rádio etc. Não fomos ao local do evento para tirar as nossas próprias conclusões. Acabamos sempre tomando conhecimento pela visão dos outros, a qual agrega subjetividade, opinião pessoal. Por isso, é preciso desconfiar do enfoque televisivo,

principalmente das propagandas governamentais. E se houver algum interesse por detrás de tudo isso? Como fica o nosso perfeito conhecimento da verdade?

Diante das contradições e incertezas de nossa vivência neste Planeta, conservemos sempre as nossas forças para o dia seguinte, pois quem se precata corre menos perigo.

Fonte de Consulta

GRACIAN, Baltasar. *A Arte da Prudência: Aforismos Selecionados*. Tradução de Davina Moscolo de Araújo. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

Junho/2006

PRUDÊNCIA (II)

O oráculo de Delfos recomendou o *Gnothi seauton*, ou seja, o Conhece-te a ti mesmo. Esta advertência pode ser traduzida como buscar-se cada um a si mesmo, penetrar cada qual no seu âmago, no sentido de extrair de si o substrato necessário para o percurso na vida. Não se deve buscar levemente, mas com vigor, brio e determinação. Pode-se dizer que quem busca se faz e se desfaz na busca.

Na época de Heráclito, a organização militar inibia o golpe afoito. Todos os soldados tinham que avançar ombro a ombro. Para eles, a **prudência** (*sophrosyne*), substituindo o ardor (*thymós*), determina domínio dos impulsos e respeito à incumbência dos companheiros, pois a evasão de um prejudica a eficiência de todos. Por isso, o conhecimento adequado de si mostrará a posição correta de cada um entre os demais. O homem convive em compromisso de reciprocidade. A prudência solicita a participação responsável de cada um na tarefa de todos.

Buscar-se, conhecer-se equivale a **prudenciar**. Mas, ser prudente nos dias atuais, não é uma tarefa fácil, visto que a busca nova gera risco e medo do desconhecido. Os rotineiros, se deliciando com a repetição de suas ações, não percebem esse tipo de sofrimento, pois para eles tudo está bem e não precisam de ter o trabalho de pensar. O conto do peixinho vermelho serve para ilustrar o nosso pensamento. Segundo essa lenda, ele convivia numa lagoa com outros peixes grandes. Certo dia resolve ir ao mar e se distancia dos demais. Depois de aprender muito lá fora, volta para ensinar aos que ficaram, e dizer-lhes que deveriam seguir o seu exemplo, ou seja, ir ao mar alto. Moral da história: voltou sozinho.

Enxergar bem, ouvir bem são virtudes. Virtuoso é o que funciona bem. Prudenciar é virtude maior porque ela preside as demais. A dissertação de Sócrates sobre a coragem exemplifica esta noção de prudência. Observe que ele fora até um general e perguntou-lhe: "Você, que é general, poderia me dizer o que é a coragem?" Este lhe responde que a coragem é atacar o inimigo,

nunca recuar. Mas Sócrates contrapondo-se, diz: "Às vezes é melhor recuar para melhor contra-atacar". Aí está a prudência.

O **prudente** é a pessoa que se conhece, e, portanto, sabe o lugar que deve ocupar no Universo. Para ele, tanto o acaso como o inesperado não existem. Ele raciocina em termos de lei de causa e efeito. Se faz o bem ao próximo, é lógico que vida lhe trará um bem futuro; se pratica o mal, sabe que irá sofrer as conseqüências do referido ato. Como poderia, então, esperar algo que desconhece? Como o destino pode destinar algo a alguém que não tenha por destino aquilo?

"Sejamos simples como as pombas e prudentes como as serpentes". Quer dizer, tenhamos plena consciência dos nossos atos e adaptemo-nos à circunstância em que estivermos colocados, a fim de darmos a nossa contribuição ao bem geral.

Fonte de Consulta

SCHÜLLER, D. *Heráclito e seu (Dis)curso*. Porto Alegre, L&PM, 2000. (Coleção L&PM Pocket, n.º 204)

Março/2002

TOLERÂNCIA

T
o
l
e
r
a
r

é

b
o
m
,

m
a
s

r
e
s
p

*e
i
t
a
r*

é

*m
e
l
h
o
r
.*

*R
e
s
p
e
i
t
a
r*

é

*b
o
m
,*

*m
a
s*

*a
m
a
r*

é

*m
e
l
h
o*

A **tolerância** – do latim *tolerantia*, do verbo *tolerare* (*suportar*) significa uma atitude de respeito aos pontos de vista dos outros e de compreensão para com suas eventuais fraquezas. Para muitos, a tolerância é uma virtude "não qualificada", de valor duvidoso e de nenhuma utilidade. Pode-se ser tolerante, não por virtude, mas por comodidade ou indiferença. Concorde-se com os outros simplesmente para evitar os problemas de relacionamento. Nem sempre quem oferece a outra face é o menos violento. "Suportar" é uma condição do homem e o seu esforço é virtude.

A palavra **tolerância** relaciona-se com o substantivo "respeito" e o verbo "suportar". Conseqüentemente, devemos não somente respeitar como também suportar Deus, o próximo e a nós mesmos. Suportar a nós mesmos deve vir em primeiro lugar, porque não há peso mais pesado do que o nosso próprio peso. Quantas não são as vezes que pensamos estar agradando aos outros e não percebemos o elevado grau de grosseria, hostilidade e autoritarismo que lhes causamos. Eles acabam nos aturando porque não têm outra saída. É o caso do relacionamento entre o funcionário e o seu chefe. Se não lhe obedecer, estará sujeito a perder o emprego.

Existem formas falsas e verdadeiras de tolerância. Um exemplo de forma falsa é a do ceticismo, aquela que aceita tudo, subestima todas as divergências doutrinárias, porque parte do princípio de que é impossível aproximar-se da verdade. A verdadeira tolerância é humilde, mas convicta. Respeita as idéias e condutas dos demais, sem desprezá-las, mas também sem minimizar as diferenças, porque sabe que é a contradição que leva ao bem comum. Nesse sentido, a frase atribuída a Voltaire, "Não concordo com nada do que você diz, mas defenderei o seu direito de dizê-lo até o fim", é providencial para elucidar o respeito que devemos ter para com os nossos semelhantes, sejam de que condições forem.

A tolerância obriga-nos a respeitar a regra de ouro: "Não fazer aos outros o que não gostaríamos que nos fizessem". Evitar fazer mal aos outros é uma atitude meramente passiva. O respeito, ao contrário, carrega uma polaridade ativa: "Amar ao próximo como a nós mesmos". De acordo com Aristóteles, enquanto o respeito constitui uma virtude que nunca pode pecar por excesso, porque quanto mais respeito se tem mais se ama, a tolerância é o exemplo de uma virtude que se obriga ao meio termo porque, em excesso, resulta em indiferença, e, em falta, traz o sabor da intolerância.

O ser humano moderno não é um Robinson Crusoe, desterrado em uma ilha, cuja única atividade era a de pescar e de caçar para sua sobrevivência. O homem tem que viver em sociedade, pois já se disse que ele é um animal político e social. E quando começa a se associar, a entrar em contato com mentes que pensam de forma diferente da sua, a contradição aparece. E é

justamente aí que surge o ensejo de praticar a tolerância, que nada mais é do que o respeito para com o pensamento alheio.

Sejamos tolerantes para com as idéias, os comportamentos e atitudes do nosso próximo, porque eles também têm, silenciosamente, sido complacentes com o nosso modo de ser.

Agosto/2006

CONSTÂNCIA E PERSEVERANÇA

"Não tentes, mas se tentar, termina."

Ovídio

A nossa vida passa freqüentemente por altos e baixos. Vez por outra caímos numa prostração sem fim, e queremos que esse nosso estado passe para o próximo, numa atitude de rebeldia às leis divinas. É preciso muita cautela para não estimular negativamente o ânimo de todos aqueles que convivem conosco, quer seja no clima familiar, quer seja no campo de nossos compromissos sociais. Vigiemos o nosso pensamento, a fim de que só saiam de nossa boca palavras que possam realmente auxiliar o nosso próximo.

Há diversas citações sobre o tema. "Deus está com os que perseveram"; "Aquele que perseverar até o fim, será salvo"; "Não interessa o que se trata de levar a termo: o que importa é perseverar até o fim"; "Somos precipitados, quando dizemos que a natureza nos negou isso ou aquilo. Um pouco mais de constância, e o resultado será oposto"; "Todas as estradas da vida têm os seus espinhos. Se entrares numa delas, prossegue, porque retroceder é covardia"; "Poucas são as coisas por si próprias impossíveis; e o que freqüentemente nos falta não são os meios para obtê-las, é a constância".

Os pensadores e escritores cumpriram os seus deveres, ou seja, tornaram público o acervo de conhecimentos, útil ao aprimoramento do ser humano. Cabe-nos, por nossa vez, colocarmos em prática tudo o que lemos e ouvimos. O ensinamento é geral, mas a aplicação tem que ser particular. Não nos assemelhemos aos que estudam somente para passar os conhecimentos aos outros. Devemos, sim, procurar aplicá-los em nós mesmos, a fim de que o ensinamento produza os seus frutos sazonados.

Como querer que os outros nos compreendam se não estamos satisfeitos com o nosso próprio procedimento? Podemos até contar o número de vezes que somos obrigados a agir desta ou daquela forma, mesmo contrariados em nossos desejos e intenções. É preciso, pois, evitar o excesso de preocupação com os comentários e críticas menos felizes a nosso respeito, porque no dia do

juízo final não iremos acertar contas com aqueles que malbarataram a vida, mas essencialmente com Aquele que nos emprestou a vida.

Continuemos a nossa jornada, apesar dos pensamentos sombrios. Repitamos os mesmos exercícios, porém com um ar de criatividade. Observe o Sol que nasce e morre todos os dias. Ele não reclama de sua situação, pois sua função é fornecer a luz e o calor necessários para o provimento de vida em nosso planeta. Por que estamos sempre descontentes com o nosso status quo? Sigamos o verso do *Tao te Ching*, de Lao Tse, século V a.C.: "Sem sair a canto algum, conhecer o mundo inteiro. Sem olhar pela janela, descobrir o Céu e a Terra". Quer dizer, a felicidade não está no exterior, mas no âmago dos nossos sentimentos.

Perseveremos um pouco mais. Se o futuro parece mais sombrio, quem sabe não seja este o momento ideal em que a Providência está preparando a nossa promoção?

Janeiro/2005

ESPERANÇA

Genericamente, a **esperança** é toda a tendência para um bem futuro e possível, mas incerto. Psicologicamente, tensão própria de quem se sente privado de um bem ardentemente desejado (imperfeições), mas que julga poder alcançar por si mesmo ou por outrem. A esperança diz respeito aos bens árduos e difíceis, porque não dependem apenas da vontade de quem os espera, mas também de circunstâncias ou vontades alheias, e que, por isso, a tornam de algum modo, incerta e falível. Justaposta às esperanças do dia-a-dia, há a grande esperança, ou seja, um vínculo permanente entre a espécie e o seu criador.

No **pensamento grego**, a palavra $\epsilon \lambda \pi \iota \delta$ designava tanto o momento feliz ou infeliz de quem espera. Com Platão, o gênio filosófico e religioso da antigüidade, essa palavra $\epsilon \lambda \pi \iota \delta$ designa "a grande e bela esperança" num além depois da morte. O sentido eminentemente positivo em questão de tanta importância como a da sobrevivência da alma deve ter contribuído para que o termo $\epsilon \lambda \pi \iota \delta$, abandonada a ambigüidade original, passasse a designar exclusivamente tudo quanto de bom e agradável é licito esperar.

Tanto a $\epsilon \lambda \pi \iota \delta$ grega com a *spes* romana, mesmo nas suas mais elevadas expressões, jamais atingiram a certeza de um futuro feliz. Foi a **revelação judaico-cristã** que, ao dar como termo das tensões a posse gratuita e inadmissível do próprio Deus, elevou-a à categoria de uma virtude fundamental da vida cristã. São de assinalar, entre outros os contributos de Santo Agostinho, de Pedro Abelardo, de Duns Escoto e, sobretudo, de S. Tomás de Aquino, que nos deixou um tratado completo dessa virtude.

No âmbito da **filosofia moderna**, toda centrada na exploração da subjetividade, o tema foi relegado ao campo das paixões e das emoções. É que diante do domínio racionalista, a fé cristã vê-se amputada dos grandes objetivos de sua dimensão escatológica, de modo que a *spes quae* acaba por ficar reduzida aos aspectos formais do ato de esperar (*spes qua*). As filosofias existencialistas, marxistas e materialistas roubam as expectativas da fé com relação à vida após a morte.

Contudo, alguns autores como R. Le Senne, T. de Chardin, J. Pieper e especialmente G. Marcel procuram ressaltar a idéia de que a dimensão escatológica da esperança cristã não só não anula as esperanças humanas, mas, pelo contrário, as assume e potencia, dando-as como lugar inadiável de exercício e preparação das realidades futuras. Isso mostra que a fé não deve ser apenas racionalizada, mas sentida no íntimo de cada um de nós.

Esperemos, porém evitemos a presunção e o desespero, que são os excessos, tanto para cima como para baixo, da esperança.

Fonte de Consulta

Logos - Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia. Rio de Janeiro, Verbo, 1990.

Agosto/1998.

FÉ E INCERTEZA

Nosso pensamento fica conturbado em virtude das muitas decepções e tribulações do caminho: é a demora pela vinda de um emprego, são os projetos que não se concretizam, é a falta de dinheiro para a compra do essencial etc. Diante de tantas pressões externas, nosso espírito prostra-se, como que sem forças para perseverar pelo caminho escolhido. Paramos, pensamos e pedimos ardorosamente algumas recompensas de ordem material.

Nessa agonia interior há uma ponderação entre a escolha espiritual e a escolha material. A dificuldade está em conciliar tanto uma escolha quanto a outra. A falta de dinheiro faz com que haja menos alimento, menos conforto e, além de tudo, ocasiona o sentimento de culpa por usufruir dos bens da sociedade sem a ela contribuir com o seu trabalho. Contudo, se a situação é essa devemos a ela nos conformar. Quem sabe não estamos sendo preparados para outros campos de interesse?

Não queiramos que as coisas sejam como as desejamos. Desejamo-la como são. Se a situação apresenta-se desse e não de outro modo é porque assim tem de ser. Tomemos consciência do fato e não reclamemos. A reclamação não encurta a estrada a percorrer; quando muito dificulta a ajuda que está vindo. É preciso fazer o melhor no dia de hoje. Se a divindade assim determinou não seremos nós, simples mortais, que iremos modificar o teor da prova.

A dificuldade maior na questão da fé é esperar algo que é incerto. Temos a intuição de que este é o caminho, mas a demora na obtenção do necessário incrusta-nos o desespero. A intuição afirma que devemos perseverar, contudo a espera é difícil. De qualquer forma, temos de continuar pois, desistir no meio do combate, é ficar sem ponto de apoio e sem perspectiva de um futuro mais promissor.

A fé é o nosso grande sustentáculo. Que seria de nossa incerteza, de nossas tribulações sem esse ponto de apoio para sermos reconfortados? Aquele que tem fé vigorosa aceita de bom grado qualquer extremo, pois, embora esteja no meio da incerteza momentânea, espera que o tempo, o grande arquiteto do universo, possa oferecer as oportunidades para que os seus ideais sejam concretizados.

Não nos esmoreçamos ante a dor do caminho. Se Deus é por nós quem será contra nós? Perseveremos um pouco mais. Quem sabe se naquele momento em que nos achamos abatidos e desiludidos não seria o momento oportuno em que a divindade escolheu para a mudança de nossa rota na vida?

Outubro/1998

FÉ E ESPERANÇA

Os gregos da Antigüidade falavam de uma **tímese parabólica** (do gr. *timese*, apreciação e *parabole*, comparação), apreciação por comparação. Essa **tímese parabólica** é a apreciação que o homem faz de alguma coisa, comparando-a com a sua forma perfectiva suprema. Quer dizer, o homem, por sua própria natureza, é um sonhador de formas sempre mais perfeitas e mais belas. Seu principal trabalho consiste em atualizar as virtualidades que existem dentro de si mesmo.

Muitos afirmam que o fator econômico é que determina a ação humana. Será isso verdade? Não são poucos os que confundem Marx com o marxismo, Cristo com o cristianismo, Descartes com o cartesianismo. Porém, como explicar a conduta de um Tolstoi, que empregou toda a sua fortuna para educar crianças pobres, de um Malatesta, doando todos os seus bens em benefício de hospitais para pobres, de um Francisco de Assis optando pela vida de pobreza? Serão todos eles impulsionados pelo fator econômico?

O homem difere do animal. Nele há algo que se chama transcendentalidade, ou seja, o anseio pela emancipação da alma, pela busca do sagrado, do mistério, do chamado "sobrenatural". É, pois, dentro desse ímpeto de atualizar valores mais altos que surge a esperança, a fé e a caridade. A **esperança** - transcender a imanência de nossa consciência; a **fé** - assentimento firme numa verdade não evidente de per si, sem receio de erro, que em nós desponta sem

que nada façamos para tê-la; a **caridade** - que é o bem amado de nossos semelhantes.

Uma das características fundamentais do ser humano é a sua capacidade de dizer não. E o dizer **não** pode levar o homem ao "pecado". "Pecado", não por dizer não, mas por dizer não quando deveria dizer sim, ou seja, quando os imperativos da lei natural obrigam-no a agir de acordo com o bem e ele age de acordo com o mal. "Peca", assim, quando prefere o vituperável ao digno, quando escolhe o erro à verdade, quando se nega a cumprir o seu dever.

Optando pelo mal, transgredimos a lei natural, e devemos sofrer as suas conseqüências. Mas, a fé num Deus Supremo, a expectativa de melhoria interior e a caridade para com o próximo podem abreviar os dias de sofrimento e retornarmos mais rapidamente ao caminho da perfeição. Não percamos tempo em aceitar as injunções de muitos poderosos da terra que opinam sobre tudo, inclusive, sobre as questões da fé, sem a ponderação de uma reflexão mais acurada. Não sejamos semelhantes ao cirurgião francês, que disse não existir o espírito, porque nunca encontrou um na ponta de seu bisturi.

Urge, nos dias que correm, robustecer a nossa fé, emprestando-lhe um caráter racional. Sabemos que a fé e a esperança são inatas no ser humano, mas essas virtudes teológicas precisam ser exercitadas com o apoio da razão.

Fonte de Consulta

SANTOS, M. F. dos. *Análise de Temas Sociais*. São Paulo, Logos, 1962.

Janeiro/1999

vida

GENEALOGIA DO EXISTENCIALISMO

Essência e existência foram, e ainda são, motivos de reflexão dos filósofos. Para Platão, a essência corresponde à "idéia", e para Aristóteles à "forma". A essência corresponde ao universal e a existência ao particular. O ser é o que é na medida em que tem uma essência, ou forma, conjunto de atributos ou de propriedades que o caracterizam e distinguem dos demais seres. Assim, por exemplo, a essência do homem é a humanidade, do animal a animalidade.

O **existencialismo** é uma antropologia, ou seja, uma reflexão sobre o ser humano enquanto existente. Embora todos os filósofos sejam existencialistas, o termo tomou vulto no sentido de que é a existência que precede a essência, a partir das análises de Sören Kiekegaard, considerado o pai da filosofia existencial. Para que possamos visualizar o existencialismo no tempo e no espaço, convém elaborarmos um pequeno histórico.

Sócrates (470-399) pode ser considerado o mais remoto ancestral do existencialismo. A sua tese vivencial do conhece-te a ti mesmo é um exemplo vivo da união entre a teoria e a prática. **Santo Agostinho (354-430)**, o último filósofo antigo e o primeiro moderno, assinala em sua obra o advento da interioridade do espírito. **Blaise Pascal (1623-1662)** inscreve-se nesse histórico, empenhando-se em mostrar a "miséria do homem sem Deus". Analisa, através de aforismos e com extraordinária penetração, a duplicidade e as contradições da "natureza humana", que é "nada em relação ao infinito, tudo em relação ao nada, uma ponte entre o tudo e nada".

Sören Kiekegaard (1813-1855) inicia, como vimos, o moderno existencialismo ao afirmar que a fórmula cartesiana deve ser invertida: não existo porque penso mas penso porque existo. **Karl Jaspers (1833-1969)** insere-se nessa genealogia dizendo que o homem só toma consciência de si próprio nas situações limites, tais como a morte, o sofrimento, a luta, a culpa etc. **Martin Heidegger (1899)** contribui com sua observação de que a essência consiste em existir, e que o **Dasein** (ser-aí) é sua possibilidade de realização. **Jean-Paul Sartre (1905-1981)** entende por existencialismo uma doutrina que torna a vida possível e sustenta que a verdade e a ação implicam uma situação e uma objetividade humana. **Gabriel Marcel (1889-1973)** desenvolve a afirmação central de que a existência é inesgotável e, a rigor, inefável ou inexplicável.

Embora o existencialismo moderno tenha sido marcado pelo **desespero**, pela **angústia** e pela **falta de perspectiva com relação à vida futura**, assim mesmo deu sua contribuição à libertação do homem. Representando um requisito em favor do indivíduo e de sua autonomia, constituiu-se numa ação positiva à defesa do homem contra as forças impessoais e anônimas que ameaçam absorvê-lo e desfigurá-lo.

Paulo, nas suas epístolas, já nos dizia que deveríamos ler de tudo e assimilarmos somente o que fosse útil. Fiquemos, pois, com esses aspectos libertários que o existencialismo sugere.

Fonte de Consulta

CORBISIER, R. *Enciclopédia Filosófica*. 2. ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987.

Novembro/1996

VIDA: ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA

Vida - conjunto dos fenômenos de toda a espécie (particularmente de nutrição e reprodução) que, para os seres que têm um grau elevado de organização, estende-se do nascimento (ou da produção do germe) até a morte. **Essência** - substância primeira, o indispensável de uma coisa, o "fundo" do ser, metafisicamente considerado. **Existência** - é o fato de ser. Difere da essência, pois a existência consiste no fato de ser da essência.

A vida é *quehacer*. *Quehacer* é estar em atividade. Assim, a primeira característica da vida é a **ocupação**. Porém, ao ocuparmo-nos com uma coisa, primeiramente, **preocupamo-nos** com ela. Pensamos em realizar uma determinada ação. O que se passa em nossa mente? Divisamos, projetamos, visualizamos esse ato no tempo e no espaço. O pensar antes é um planejamento e não passa, na realidade, de uma pré-ocupação. Estar pré-ocupado é estar ocupado com o futuro.

Os **nossos condicionamentos** são os principais obstáculos à realização plena de nossa vida. Para que possamos progredir e ter uma existência profícua, necessitamos de nos libertar das várias camadas de condicionamento de nossa consciência. A libertação dos nossos pensamentos negativos é uma tarefa que dura a vida toda. Não nos deixarmos influenciar excessivamente pelos outros requer firmeza de ânimo e robustez de caráter.

Vocação e vigilância devem ser enfatizadas. Por vocação entendemos, não os deveres que as profissões exigem, mas o apelo interior que dá sentido e valor à vida inteira. A vocação representa o encontro do homem com o seu próprio caminho, fazendo-o centrar-se e realizar-se na dimensão mais profunda do ser existencial. A autêntica vocação, integral e plena, dá sentido até mesmo nas ocupações mais humildes e insignificantes. Esse é o móvel que todo o Espírito deve ater-se.

A vida foi nos dada, mas não nos foi dada feita. É preciso muita fibra e muita disposição interior para que estejamos sempre dentro de nós mesmos.

Novembro/1996

VIDA: DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA

O tempo marca a nossa passagem na vida. Quando nos reportamos a alguém, dizemos que ele é um indivíduo com trinta, quarenta ou cinquenta anos de idade. Dificilmente nos lembramos de analisar como eles foram vividos. Nesse sentido, uma pessoa com quarenta anos pode ter vivido mais do que uma de

oitenta. É dentro do contexto de uma vivência plena e abundante que a nossa vida deve ser avaliada.

Consciência é uma palavra que tem vários significados: no sentido comum, é a compreensão de alguma coisa; no sentido moral, é representada pela "consciência moral" (voz da consciência), isto é, senso subjetivo do bem e do mal; no sentido psicológico, é a compreensão dos fatos interiores, como a capacidade de perceber as modificações psíquicas; no sentido das doutrinas espiritualistas, a palavra "consciência" adquire um significado muito mais vasto, universal e profundo, até identificá-la com a própria essência do Espírito, que penetra toda manifestação.

Aprofundando-nos no estudo da consciência, percebemos que aquilo que chamamos consciente é o mais inconsciente da consciência. A verdadeira consciência não pode manifestar-se pelo pensamento: ela é um patrimônio do Espírito. Quando a comunicamos através de nossas palavras, estamos simplesmente expressando o nosso universo simbólico, geralmente fruto da tradição e dos costumes.

A busca da autenticidade de nossa existência só pode ser alcançada quando começarmos a tirar as várias camadas que encobrem o nosso "eu" verdadeiro. Temos de extirpar todos os nossos condicionamentos, incluindo os dogmas e preconceitos. É um trabalho árduo que exige muito esforço e dedicação. Toda mudança é difícil, porque exige uma ruptura do comodismo e dos automatismos arraigados no nosso psiquismo.

A procura do eu interior deve ser ardente. Não podemos ser preguiçosos e indolentes. A tão propagada reforma interior não deve ser feita para agradar aos outros, mas sim, para estimular o nosso crescimento espiritual. Metamos mãos à obra: não há mais tempo a perder. Cada dia de nossa existência deve ser um dia de muita luta, de muito esforço e de muita realização no campo do aperfeiçoamento moral.

Desenvolver a consciência é ampliar a nossa concepção de vida. Qualquer vivência que não se preocupa com a sua melhoria interior é uma vivência vazia e destituída dos verdadeiros valores do progresso espiritual.

Fonte de Consulta

BATÀ, A. M. la S. *O Desenvolvimento da Consciência: Método Prático com Questionários e Exercícios*. São Paulo, Pensamento, 1976.

Novembro/1996

VIDA E SISTEMA NERVOSO

O **sistema nervoso**, ao lado das glândulas endócrinas e do Perispírito, é a base central do comando do nosso corpo físico. Não é um órgão específico,

mas uma espécie de entidade que controla toda a nossa vida de relação e de nutrição. Pretendemos, aqui, chamar atenção para os sintomas que dificultam o seu livre funcionamento, tais como, a astenia, a neurastenia, a fobia etc., e refletir, também, como poderíamos equacionar racionalmente esses distúrbios.

A **astenia** significa falta de forças. Ela produz uma redução geral da atividade, do pensamento e da vontade, portanto, deve ser considerada como um sinal de alerta; a **psicastenia** refere-se à fraqueza de idéias; **aneurastenia** é entendida como uma depressão geral do sistema nervoso; a **angústia** é, provavelmente, o mais difundido sintoma de deficiência nervosa; a **obsessão** - do latim *obsidere* = **cercar**, também, contribui para o desequilíbrio psicofísico. Além disso, devemos lembrar-nos das várias fobias que nos acompanham: **agorafobia** - medo de lugares abertos; **claustrofobia** - medo de lugares fechados; **ereufobia** - medo de enrubescer etc.

A **agitação** é um dos grandes sintomas do esgotamento nervoso. Na agitação, os impulsos dominam a personalidade e as circunstâncias provocam reações desordenadas, exageradas e anárquicas. A possibilidade de repouso desaparece. Um agitado é incapaz de sentar-se numa poltrona e ficar algum tempo sem nada fazer. Como o sistema nervoso é quem governa o corpo, uma vez destituído desse requisito, o indivíduo é incapaz de controlar satisfatoriamente os seus impulsos e acaba consumindo mais energias do que as absolutamente necessárias.

Uma **pessoa nervosa** dificilmente se reconhece como tal. Pode ser por orgulho ou vaidade. Por isso, é importante, vez ou outra, refletirmos na maneira como estamos encaminhando a nossa vida. À semelhança dos vigilantes do peso, deveríamos ser os vigilantes dos nervos. Nesse sentido, convém verificar se não estamos falando em demasia, tratando de questões inúteis, ou, mantendo-nos excessivamente atarefados. Sendo positiva a constatação, é útil pensarmos numa mudança comportamental.

Algumas técnicas de **distensão nervosa** podem ser postas em prática. Não como uma regra geral, mas como um ideal em que cada indivíduo encontre a sua melhor utilização. Dessa forma, não convém querer eliminar o problema de uma só vez. Exercícios de relaxamento, de higienização e de meditação transcendental auxiliam muito. É importante, ainda, aprendermos a nos concentrar. Atualmente, com a quantidade de informações veiculadas pelos meios de comunicação social, fica difícil fixar a mente nos aspectos significantes de nossa existência. Mesmo assim, devemos nos esforçar.

Se fôssemos capazes de controlar eficazmente o nosso sistema nervoso, produziríamos mais e melhor, e não nos cansaríamos demasiadamente com as bagatelas que nada tem a ver com o nosso projeto de vida.

Fonte de Consulta

RÉAL, P. *Cuide dos Nervos para Viver Melhor*. São Paulo, Hemus, s/d/p

Novembro/1996

CAMINHO DA VIDA

O homem encontra-se no mundo. Quando criança é auxiliado pelos seus progenitores ou responsáveis diretos. A partir de uma certa idade, começa a questionar a sua presença neste mundo. Pergunta: por que nasci nesta família e não em outra? Por que estou neste país e não em outro? Por que vim como homem e não como mulher? Qual o sentido de minha vida? Por que todo esse sofrimento aos meus pés? Como não obtém uma resposta satisfatória, acaba se acomodando à sua situação e passa a viver a sua própria vida.

Aceitando-se tal qual é começa a agir. O agir por agir é fácil. O difícil é agir segundo princípios superiores, pois estes exigem maior preparação. Observe uma boa ação: ela sempre traz uma recompensa positiva. Se uma boa ação traz boa recompensa, por que, então, praticamos uma má ação? Será por falta de esforço, de fé, de confiança na Divina Providência? Ignorância das leis naturais? Negligência interior? Não resta dúvida que temos o livre-arbítrio, mas é ele responsável por todo o acontecimento?

Na ação diária, quando não olha ao redor, quando não reflete o suficiente, o homem acaba cometendo muitos erros de julgamento. Se é muito devotado, acha-se o supra sumo da renovação e da inteligência; se pertence a uma entidade religiosa de renome, sente-se seguro e salvo; se é estudioso, julga-se o maior dos sábios. Este clima de auto-suficiência pode ocultar um grande engano: olhando somente para si, acaba esquecendo-se de que os outros podem estar praticando melhor o bem do que ele próprio.

As comparações feitas com relação à propagação da luz são muito importantes. Suponha um vaga-lume vangloriando-se de sua pretensa luz: ele coloca-se como o maior dos iluminados na Terra. Contudo, essa pequena iluminação é ofuscada por uma luz de vela. Esta, por sua vez, é ofuscada pela luz de uma lâmpada elétrica. O clarão da lâmpada é ofuscado pela luz de um holofote. E o próprio holofote é ignorado pela luz do Sol. Por isso, todo o nosso saber é relativo dentro da imensidão do que podemos conhecer.

A sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória. Não nos esqueçamos de que há diversos dons, mas o Espírito do Senhor ilumina a tudo. Ou seja, fazendo com denodo a nossa obrigação, estaremos semeando em terreno fértil. Isto porque toda a vez que estivermos saindo de nós mesmos para auxiliar o próximo, estaremos semeando no campo do senhor para a imortalidade do espírito. Cada qual deve forjar o seu caminho, apesar de todas as asperezas da estrada a percorrer. Se cada um fizer a sua parte, o todo será beneficiado.

Tomemos a nossa cruz, esqueçamo-nos de nós mesmos e caminhemos ao encontro da grande transformação moral da humanidade terrestre.

Abril/99.

O EU E A CIRCUNSTÂNCIA

A vida é a sucessão de fatos. Cada dia é uma nova experiência e uma nova aprendizagem. A realidade consiste em tudo o que nos absorve: o chorar da criança, o ruído do vento, as notícias da televisão, as conversas com os vizinhos, a espera pelo ônibus, a complicação do trânsito, as nossas expectativas com relação à vida futura, os nossos sonhos e devaneios. Tudo isso é real e preenche a percepção de cada um de nós de modo diferente, dependendo da crença de cada qual.

A circunstância que se nos apresenta é a realidade que nos absorve. Nós não somos nem donos e nem joguetes da circunstância. Diante de uma dada situação cada um tem que tomar uma atitude, fazer uma escolha. Mesmo que optemos por não escolher, assim mesmo escolhemos. Tomar essa ou aquela direção é uma atitude livremente aceita, porque poderíamos não a realizar. É, assim, no contexto da ação que o indivíduo marca a sua presença na própria vida e na dos outros.

A liberdade e a escravidão estão jungidos ao nosso querer, à nossa escolha, ao nosso livre-arbítrio. Às vezes, parece-nos que não temos meios de escolher, visto as circunstâncias obrigarem-nos a agir dessa ou daquela forma. Mas o estar diante daquela situação não pode ser o resultado de uma escolha anterior? Há no Universo leis, sendo a lei de causa e efeito a principal. Se deliberadamente optamos pelo mal, pelo vício, conseqüentemente eles estarão obliterando-nos outros atos livres.

Na vida é preciso saber ater-se. A erudição difere do saber, a memória da inteligência, a informação da formação. Muitos de nós por ânsia de conhecer vão à procura de livros, de gurus, de líderes carismáticos, pensando que estando ao contato de suas sombras isso lhe trará uma melhor compreensão do mundo. Tudo que está na natureza é útil e devemos nos valer disso. Contudo, o melhor livro que devemos abrir é o livro de nosso coração.

No contexto de nossa escolha, a perspectiva com relação à vida futura muda substancial o substrato de nossas atitudes. Esperando que a vida termine com a morte do corpo físico, poderemos enveredar para o gozo material, o que muitas vezes estimula o orgulho e a vaidade. Porém, se a nossa expectativa é de que a vida continua além túmulo a nossa conduta será substancialmente diferente e refletiremos mais em cada ação, em cada gesto e em cada interpelação com o nosso irmão do caminho.

Estejamos inteiros em nossa própria circunstância. Não permitamos que outros determinem o que devemos fazer. Façamo-lo hoje com determinação e confiança, que a vida será mais ativa e duradoura.

Outubro/1996

HÁ EQUILÍBRIO ENTRE HORIZONTAL E VERTICAL?

A horizontalidade da vida vem em primeiro lugar. O homem é primeiramente *homo faber*, antes de ser *homo sapiens*. Como manter o sustento físico, sem que nos preocupemos com as coisas materiais, com o exercício de uma profissão? Há os que trabalham com os braços e os que trabalham com a cabeça, mas ambos contribuem para o sustento do planeta. Independentemente do modo de ganharmos a vida, todos somos obrigados a estudar para obtermos mais conhecimento da vida espiritual.

Muitos se enganam ao escolherem uma profissão que não exige estudo. É o caso dos jogadores de futebol, que ganham salários astronômicos sem que para isso tenham freqüentado uma Universidade. Mas, assim mesmo eles não podem se eximir de estudar, pois é o estudo que os formará moral, intelectual e espiritualmente.

Conciliar o horizontal com o vertical não é tarefa fácil. As circunstâncias são tais que, se não tomarmos cuidado, estaremos fazendo muitas coisas que não dizem respeito ao nosso projeto de vida. Uma artista famosa disse: "Meu único arrependimento foi ter feito muitas coisas para agradar aos outros e não a mim mesma. Este é o fardo que eu temo quando a morte vier me buscar. Eu, pessoalmente, gostaria de fazer esta passagem sem esse peso na minha consciência".

É aí que reside um dos mais difíceis problemas dos seres humanos: cumprir aquilo que lhe foi determinado. Nesse mister, conta-se o caso de um pai de família que prescrevera a seus filhos a tarefa de cada um levar uma mercadoria ao reino vizinho. Confiou o bolo a um, o vaso a outro, o burrinho a outro... O que sucedeu? Cada um ficou preocupado com a tarefa confiada ao outro. Nesse descuido da própria tarefa, o burrinho escapou, o vaso se quebrou e o bolo se despedaçou. Conseqüência: voltaram para casa com as mãos abanando, e sem ter cumprido o que lhes tinha sido confiada.

Não nos preocupemos com o que devemos fazer. Isso, muitas vezes, depende das circunstâncias. É mais importante saber o que não nos convém, pois se nos apresentarem uma proposta, e ela não for de nosso agrado, já a rechaçamos incontinenti. Se, ao contrário, cedermos, quem sabe não estaremos contribuindo para a nossa perda, pois poderemos estar agindo em desarmonia conosco mesmo, criando estresse e desencadeando o aparecimento de doenças.

Setembro/2004

HÁ VIDA ANTES DA MORTE?

Esta é uma das perguntas centrais da filosofia. Como podemos vê-la diante da Doutrina dos Espíritos?

O que significa a vida? E a morte? Biologicamente, a **vida** é um conjunto dos fenômenos, particularmente de nutrição e reprodução, que se estende do

nascimento até a morte. A morte é a extinção das atividades vitais: crescimento, assimilação e reprodução.

Biologicamente, a questão está correta, ou seja, sempre haverá vida antes da morte.

A pergunta, contudo, exige um aprofundamento no campo filosófico e religioso. Será que realmente vivemos, ou já vamos mortos para a morte? Quantos de nós não nos encontramos mortos em plena vida? Lembremo-nos da passagem evangélica: "Segue-me e deixa aos mortos o cuidado de enterrar os mortos". (Mateus, 8, 22) Nessa passagem, Jesus explica-nos que os mortos são aqueles que não se preocupam com a vida espiritual, pois só dão valor à matéria e, por isso, mortos para as coisas essenciais do espírito.

O que é viver antes da morte? É aproveitar todo o momento de nossa existência para demonstrar a vontade de Deus a nosso respeito. É separarmos as coisas importantes das urgentes. É sermos sempre agradecidos e produzirmos o melhor, independentemente do pagamento financeiro ou mesmo moral.

Viver plenamente a vida é chegar à noite e dizer: hoje eu vivi.

Como Sócrates se posicionava ante a morte? Ele nos dizia que a vida nada mais era do que uma preparação para a morte.

Um pequeno exercício: esta noite nos levarão a alma. Estamos preparados para tal empreendimento?

Abril/2005

MECANIZAÇÃO DA VIDA

Uma idéia surge em nossa mente. Ela assemelha-se a um foco de luz que tem uma determinada irradiação. A princípio, de forma nebulosa; depois, um pouco mais nítida; e, por fim, vem com todo o seu vigor.

O conteúdo energético do nosso pensamento estrutura a nossa personalidade. É a nossa "identidade pessoal". Nesse sentido, aquilo que condiz com o nosso modo de pensar, é facilmente aceito; o contrário exige esforços adicionais, tanto para sua adaptação quanto para sua rejeição.

De acordo com o nosso modo de pensar, criamos nosso "automatismo" particular. Ele, em si mesmo, não é um bem nem um mal. É bom, quando poupa nossas forças para tarefas repetidas. Exemplo: se, para dirigirmos o automóvel, tivéssemos que reaprender todos os movimentos, perderíamos muito tempo. É negativo, quando **mecaniza** os atos de nossa existência.

A mecanização dos nossos atos pode ser comparada ao indivíduo que anda sobre uma esteira rolante, ou seja, caminha muito mas não sai do lugar. Quer isto dizer que podemos ficar estacionados em nossa superficialidade. Porém, a lei do progresso, sendo natural, é inexorável e, mais tempo ou menos tempo, teremos que modificar o nosso comportamento. Infelizmente, na maioria das vezes, através da **dor**.

O senso crítico, que é uma reflexão sobre nós mesmos, o outro e a sociedade em que vivemos, deve ser exercitado. Por ele, criamos condições de atrair as idéias puras que estão disseminadas no universo. Melhorando a recepção, capacitamo-nos para uma boa transmissão. Sendo perseverantes neste propósito, nossa vida se transformará substancialmente e, produziremos mais, com o mínimo de esforços despendidos.

As idéias movem o mundo. Procuremos, em nosso dia-a-dia, ordenar as informações enviadas ao cérebro, a fim de que possamos expressar frases de luz, de entendimento e de esclarecimento para toda a humanidade.

Janeiro/1995.

PENSAR A VIDA

A vida é uma ocupação com as coisas: comer, beber, dormir, trabalhar e divertir-se. A ocupação é, antes de tudo, uma preocupação. Ocupar-se, fazer algo segue imediatamente ao preocupar-se, ao ocupar-se previamente com o futuro.

Pensar significa refletir sobre o passado e fazer previsões sobre o futuro. Contudo, mesmo adotando essa atitude, é possível que nossas cogitações sejam imprecisas. Em realidade, pensar a vida é uma tomada de consciência do presente liberta dos atos passados e sem receios do futuro.

A vida é a soma do número de dias que se usufrui durante uma existência terrena. Nossa medida de tempo é espacializada, visto tomarmos o Sol e a Terra como pontos de referência. Um dia de vinte e quatro horas é o tempo decorrido pelo movimento de rotação da Terra ao redor do Sol. O que significa trinta, quarenta ou cinquenta anos de vida? Presos aos números, esquecemo-nos de que a vida é realização do "eu espiritual".

A civilização moderna, aumentando nossas necessidades, cria o desejo pelo novo. Não queremos deixar nada quieto. As inovações são positivas, porém, quando mudamos por mudar, causamos um viés em nosso pensamento. estabelece-se um antagonismo entre o "eu superficial" e o "eu profundo" de Bergson ou entre o "inautêntico" e o "autêntico" de Heidegger. Há que se tomar cuidado para não aceitar o falso pelo verdadeiro.

O "eu superficial sobrevive ao meio de informações vindas pelo rádio, televisão, cinema, jornais. A maioria de nós adota uma posição cômoda, esperando que

os outros tracem o nosso destino. Martin Heidegger (1889-1976), filósofo existencialista alemão, esclarece-nos com um exemplo. Diz-nos ele: suponha que você esteja no meio de uma floresta sem estradas e sem caminhos. Essa situação exige que cada um de nós seja obrigado a construir o seu próprio caminho.

Pensar a vida nada mais é do que agir filosoficamente, isto é, sem preconceitos e sem posições já assumidas anteriormente. Temos de enfrentar os nossos problemas livres do espírito de sistema.

Fonte de Consulta

MENDONÇA, E. P. de. *O Mundo Precisa de Filosofia*. 2. ed., Rio de Janeiro, Agir, 1970..

Dezembro/1993.

O SUCESSO

Os sociólogos preferem se concentrar nos "fracassos" e não nos "sucessos". Em termos sociais, os pobres, as pessoas que dormem debaixo da ponte e os favelados são classificados como fracassos. Os bem-sucedidos, ou seja, aqueles que encontraram a sua carreira, casaram-se e tiveram filhos são classificados como sucessos. Como, portanto, tratar do sucesso, ou melhor, daquilo que vem depois de obter o sucesso? Foi o que fez Ray Pahl, em seu livro, *Depois do Sucesso*, pela editora Unesp.

O sucesso, na antiguidade grega, era um termo carregado de culpa e de medo. Não tanto pela aquisição de riqueza, mas pela ultrapassagem de seus limites. Aludiam ao termo *koros*. A palavra *koros* era usada para descrever o comportamento do ser humano que ultrapassava os limites da ganância. Esse homem agarra mais do que lhe é necessário, como o glutão que continua a empanturrar-se quando já não tem mais fome. Hesíodo, Sólon e Teógnis achavam que a cobiça e a corrupção dos governantes eram o pior dos males de seu tempo.

Na sociedade moderna, especificamente depois da Revolução Industrial, na Inglaterra, e do surgimento do Capitalismo, nos Estados Unidos, o sucesso passa a ser visto como a aquisição de uma profissão, de uma carreira. Kenneth E. Boulding, autor de vários livros de economia, chama-nos a atenção para a escolha de uma profissão. Ele nos alerta para os desvios de cérebros vigorosos, que poderiam ter dado uma enorme contribuição na ciência, voltarem-se para o Direito, onde poderiam se tornar juiz e, com isso, alcançar um *status* bem mais elevado do que um simples cientista.

A procura por cargo e *status* trouxe, às modernas sociedades, um fato novo: a ansiedade e o estresse. Pergunta-se: por que o homem trabalha tanto, mesmo depois de ter obtido o sucesso? É que a riqueza, por mais paradoxal que

pareça, clama por mais riqueza. A insaciabilidade humana difunde-se na acumulação de bens. Com isso, muitos seres humanos, que obtiveram o sucesso, acabam se julgando fracassados. Faltou-lhes o cultivo da alma, a parte mais importante do seu ser.

Paralelamente ao sucesso, acrescentamos o surgimento dos meios de comunicação de massa e os avanços da informática, principalmente pelos infinitos usos proporcionados pela Internet. A globalização tende a padronizar usos costumes: um filme, rodado na Coréia do Sul, tem o mesmo teor sanguinário e violento dos filmes americanos. Hoje, o incentivo ao consumo pelo cartão eletrônico, é sem limite. A mídia nos diz: "Consuma, consuma e será feliz". Vamos ao Supermercado e não temos nenhum receio de fazer a compra do mês, para pagá-la em trinta ou sessenta dias.

Obter o equilíbrio psíquico, físico e espiritual não é tarefa fácil. Urge voltarmos aos clássicos, a fim de aprendermos, com eles, a impor limites às nossas necessidades. A falta de dinheiro é, muitas vezes, o verdadeiro estímulo ao nosso progresso moral e espiritual. Quem sabe se o seu excesso não estaria prejudicando a nossa felicidade?

Fonte de Consulta

PAHL, Ray. *Depois do Sucesso: ansiedade e identidade fin-de-siècle*. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Sousa. São Paulo: Unesp, 1997. (Biblioteca básica)

30/5/2007

O SUCESSO E OS OBJETIVOS DA VIDA

O **sucesso** é a realização satisfatória de um objetivo que se ambiciona alcançar. Diz-se que o bom êxito é fruto de um trabalho persistente. Embora haja a influência dos outros membros da comunidade, o sucesso reflete muito mais a tomada de uma posição pessoal do que as exigências da vontade alheia.

Movimentarmo-nos em nossa própria existência é, essencialmente, uma questão de nos depararmos com problemas e procurarmos ultrapassá-los. Há sempre uma escolha pessoal, ou seja, adotar uma atitude **positiva** ou **negativa** com relação à dificuldade. Convém, para o equilíbrio de nosso ser, lembrarmo-nos de que se o obstáculo surgiu em nosso caminho é porque temos condições de vencê-lo. Além disso, conscientizando-nos de que a solução está no próprio problema, teremos mais forças para resolvê-lo.

O sucesso depende da colocação clara de nossos objetivos. Os objetivos, por outro lado, podem ser de curto, médio e longo prazo. Os **objetivos de curto prazo** referem-se às ações cotidianas, e podem ser vistos como a compra no supermercado, a preparação de um discurso oratório, a visita a um doente. Os **objetivos de médio prazo** referem-se a um futuro próximo, e podem ser entendidos como um exame que teremos de prestar no final do ano, a compra de um imóvel, a troca de um carro. Os **objetivos de longo prazo** referem-se a um futuro distante, e podem ser visualizados como a realização profissional, o projeto que traçamos na vida. Enviando-os com presteza ao cérebro, esse processa-os, e, sem o percebermos, retorna-nos como um estímulo à ação.

A esperança, virtude evangélica, tem denotação científica. Observe que ao enviarmos uma ordem ao cérebro, o caminho por ela percorrido não é tão simples. Primeiramente, o cérebro comporta três zonas que se complementam: o consciente, o superconsciente e o subconsciente. Dado um estímulo, consciente e claro, o cérebro vai interpenetrando outras zonas até chegar à essência do ser (Espírito), para trazer a resposta, ou seja, são levados em conta as nossas forças psíquicas, o nosso dever e as propostas divinas ao nosso respeito.

A concretização dos objetivos pressupõe expectativas. Por isso, diz-se que quem espera, desespera. É que há passagem de tempo entre a proposta e a execução. Estando em desespero, convém refletir sobre a resignação. A resignação não pode ser confundida com a preguiça ou a falta de vontade. É um estado de robustez interior que aceita pacientemente o obstáculo, e, mesmo tendo a visão embaçada, confia no porvir.

Tenhamos fé em Deus que não desampara nenhum de seus filhos. Se nossa espera parece ser longa, equilibremos a nossa mente através da prece e da vigilância.

Fonte de Consulta

O'MEARA, P., SHIRLEY, D. e WALSH, R. D. *Como Estudar Melhor*. Lisboa, Editorial Presença, 1988.

Setembro/1996.

UMA VIDA ESTRANHA

Vida normal é levantar-se pela manhã, tomar o desjejum, despedir-se dos familiares e dirigir-se ao local do trabalho. O que pensar daqueles que não têm ocupação? Como fazem para passar o dia? Uns optam pelo roubo; outros pela indolência; poucos pelo bom aproveitamento do tempo. Contudo, é a vivência plena do tempo que estrutura indelevelmente o nosso caráter e a nossa

personalidade. Convém não o desperdiçar, pois tempo perdido não se recupera mais.

O dia-noite, a semana de cinco dias, o mês e o ano marcam a passagem de nossa vida. Estamos tão acostumados com essa medida do tempo que não conseguimos imaginar-nos numa outra dimensão, como por exemplo, o dia sem a noite. Observe a estada no Polo Norte. Lá não existe a oposição dia-noite, as indústrias e o corre-corre das grandes cidades. Quer dizer, nossos juízos de valores têm que ser reformulados para poderem adaptar-se à nova situação.

Os compromissos são a tônica da sociedade moderna. Há muitas crianças que têm uma agenda mais cheia do que a de muitos executivos. Pergunta-se: quantos desses compromissos, dito inadiáveis, deveriam ser realmente atendidos? Muitos de nós até nos deleitamos por estarmos atarefados. Porém, a disposição de atender aos verdadeiros deveres da consciência não é tarefa fácil: exige redobrados esforços vigilância.

O **cosmopolitismo** empresta ao dinheiro o sinônimo de riqueza. Somos avaliados mais pelo que temos do que pelo que somos. Por isso, vemos os parques de recursos materiais sofrerem toda a sorte de constrangimento. É preciso ponderar: onde se encontra os verdadeiros valores do ser humano? Nos anais da riqueza ou na realização plena de um ideal? O homem vale pelo que é e não por aquilo que pensam que ele é. É preciso, pois, na falta da consolação humana e divina, sabermos bastar-nos a nós mesmos.

Os interesses próprios condicionam as opiniões. A avidez pelo sucesso, a busca de um status social elevado e a aquisição do poder político são tão intensas que raramente nos damos conta das atrocidades que cometemos para concretizá-las. Isso é melhor visualizado pelo meio anti-natural que o homem está sendo obrigado a viver: poluição, desmatamento, vida insalubre, excesso de alimentação etc. Diante dessa realidade, é preciso ponderar para que não sejamos tragados pela corrente materialista que envolve o nosso planeta.

Nossa vida parece estranha e enigmática? Não nos importemos com isso. Lembremo-nos de que cada ser é uma individualidade, e hajamos através do sentimento do nosso próprio coração.

Novembro/1996

VIVER SEM DEFESAS

O que é que nos inquieta e nos dá uma sensação de impotência? É a preocupação de que devemos ser alguma coisa na vida e, com isso, ser respeitado, ter um nome, estar inscrito no livro da fama. Mas, será esta a atividade essencial do ser humano? Será que esta atitude não nos leva à superficialidade da vida? Este seria o verdadeiro caminho para atingir a

perfeição do Espírito? Por que nos violentamos para ter mais bens, para sermos mais isso ou mais aquilo?

O grande problema do ser humano é a *fragmentação* em que a sociedade o colocou. E a própria ciência tem contribuído para isso, principalmente ao formar seres cada vez mais especializados, aqueles que conhecem "quase tudo do quase nada". O que se espera de um homem de ação que, nos seus quarenta anos de exercício de uma profissão, ficou sempre repetindo os mesmos atos? Não resta dúvida que se tornou mais eficaz em sua especialidade. Mas, como se relaciona com o todo da vida? Como irá enfrentar, por exemplo, o problema da morte?

A vida é muito mais do que o exercício de uma profissão. Ela envolve o cultivo do "eu interior", subjacente à essência divina. Deixando de viver a plenitude da vida, adiamos peremptoriamente a potencialização do nosso ser espiritual. Quando não o fazemos por nós, saímos à cata de quem possa nos ensinar, aumentado assim, o número de gurus, aos quais transferimos o ônus de nossa salvação. Contudo, a escolha deve ser pessoal, porque pressupõe esforço próprio. Ninguém, além de nós mesmos, poderá salvar a nossa alma enfermiça.

Como nos tornarmos um novo homem, se vivemos condicionados ao homem velho? Enfrentarmo-nos, tais quais somos, sem repreensões, sem censura, sem acharmos que poderia ser bem diferente não é tarefa fácil. Olhamos para o nosso corpo e dizemos: estou gordo; preciso emagrecer. Submetemo-nos aos regimes; passado algum tempo, voltamos a engordar. É possível que tomando consciência de que estamos gordos, sem recriminar, sem censurar, podemos ter melhores resultados do que fazendo violência para emagrecer.

O desejo de perfeição é natural no ser humano. O que nos cabe é facilitar esse processo. Para tanto, façamos uma analogia com a árvore: plantando-a e desplantando-a, para verificar como está indo o seu crescimento, com certeza a mataremos. Revolvendo a terra, tirando as ervas daninhas e aguando-a convenientemente, os efeitos serão outros. Façamos o mesmo no reino do Espírito: tomemos consciência de nossos defeitos, de nossas rugas, mas sem impor uma falsa moral, no sentido de eliminá-los definitivamente de nossas ações.

Estejamos sempre prontos a aceitar as coisas como elas são, sem defesas de espécie alguma. Tenhamos a certeza que, o pouco que fazemos no reino do Espírito, é o muito no que tange à nossa mudança comportamental autêntica.

Fonte de Consulta

KRISHNAMURTI, J. *O Mistério da Compreensão*. Trad. de H. Veloso. 2. ed., São Paulo: Cultrix, 1972.

Outubro/2004